

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE
EDUCAÇÃO ESPECIAL LICENCIATURA EM
EDUCAÇÃO ESPECIAL - DIURNO**

Maria Jade Pohl Sanches

**O ESTADO DE RECREIO: Estratégias brincantes na Formação de
Professores do curso de Educação Especial**

Santa Maria, RS
2023

Maria Jade Pohl Sanches

O ESTADO DE RECREIO: Estratégias brincantes na Formação de Professores do curso de Educação Especial

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Educação Especial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Educação Especial.

Orientadora: Prof^a Dr^a Tânia Micheline Miorando

Santa Maria, RS
2023

Maria Jade Pohl Sanches

O ESTADO DE RECREIO: Estratégias brincantes na formação de professores do curso de Educação Especial

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Educação Especial, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Educação Especial.

APROVADO EM:

**Tânia Micheline Miorando, Dr^a (UFSM)
(Presidente/Orientadora)**

**Eliana da Costa Pereira de Menezes Dr^a (UFSM)
(Avaliadora)**

**Paula Xavier Scremin, Dr^a (UFSM)
(Avaliadora)**

Santa Maria, RS
2023

AGRADECIMENTOS

- *Primeiramente, a Deus por nunca me desamparar e estar sempre comigo!*
- *A minha família, pelo apoio e por sempre acreditar em mim.*
- *A minha orientadora e amiga Tânia Miorando, pela paciência e parceria maravilhosa.*
- *A minha banca, professoras que prezo muito e admiro.*
- *A minha colega e amiga Cristiane Bitencourt, a qual me deu várias ideias para que este TCC acontecesse.*
- *Aos meus amigos de faculdade e da vida, que levarei sempre comigo: Gabriela, Maicon, Valmer, Késsia, Dine, Victória, Douglas, Rossana, Carolina, Amanda, Juliana, Raiane, Nathiele, Allan, Flávia, Cristiane, Bruna L, Aline, Évelin, Emily, Marília, Tauane, Victória Mirtes, Marinara, Letícia, Gladis, Thaíz, Cecília, Camila, Thaís, Alana.*
- *As minhas professoras de graduação, não posso deixar de mencionar e agradecer: Tânia Miorando, Valeska Oliveira, Márcia Lazzarin, Fabiane Costas, Alcione Munhoz, Roberta Forgiarini, Lúcia Nunes, Liane Cunha, Paula Xavier, Giovana Hautrive, Sabrina de Castro, Fabiane Bridi, Tati Negrini.*
- *Agradeço meu passado, minha trajetória, entre trancos e barrancos que me ajudaram a me tornar quem sou hoje e lutar pelo que acredito.*
- *Agradeço meu namorado Gabriel Veras Reis por todo apoio, escuta sensível, parceria e por vivenciar comigo na prática este Estado de Recreio.*

RESUMO

Bem-vindo(a) ao Recreio Escolar, um espaço onde as crianças brincam e se cansam de brincar, e neste espaço lúdico aprendem a resolver conflitos, construir e desmontar as regras do jogo. Esse estado corporal que as crianças experimentam enquanto brincam é chamado de Estado de Recreio. Nesse sentido, o tema desta pesquisa, baseia-se na combinação de três vertentes: Recreio, Formação de Professores e Educação Especial, e o objetivo é compreender o Estado de Recreio, em estratégias brincantes, para a formação de professores que trabalharão com corpos surdos. A pesquisa foi feita por meio do relato de experiência na disciplina ministrada de Ensino de Língua Portuguesa para Surdos, onde procurei descobrir se há espaço para o Estado de Recreio, nas estratégias desenvolvidas ao longo do semestre. Em alguns planejamentos, o Estado de Recreio se fez presente ao pensar no contexto dos estudantes, ao refletir sobre metodologias que estimulam a expressão corporal e ao pensar em abordagens diferenciadas que levam os sujeitos a aprender brincando. Porém, na maioria dos planos de aprendizagem, houve uma certa ausência deste “recrear-se”, pois expuseram em suas práticas um predomínio do ensino tradicional de copiar e reproduzir e que colocam os sujeitos surdos como estudantes infantilizados devido a sua ausência de audição. Analisando os resultados, fica evidente que é preciso encontrar métodos de ensino, espaços escolares, tirando os alunos da sala de aula com métodos lúdicos que possam estimular a aprendizagem dos estudantes surdos de modo potente e significativo.

Palavras-chave: Educação Especial. Estado de Recreio. Estratégias brincantes. Surdos.

ABSTRACT

Welcome to *Recreio Escolar*, a space where children play and get tired of playing, and in this playful space they learn to resolve conflicts, build and dismantle the rules of the game. This bodily state that children experience while playing is called the Recreational State. In this sense, the theme of this research is based on the combination of three aspects: Recreation, Teacher Training and Special Education, and the objective is to understand the State of Recreation, in playful strategies, for the training of teachers who will work with deaf bodies. The search was carried out through in the subject Teaching Portuguese Language for the Deaf, where I tried to find out if there is room for the State of Recreation, in the strategies developed throughout the semester. In some plans, the State of Recreation was present when thinking about the context of the students, when reflecting on methodologies that stimulate corporal expression and when thinking about different approaches that lead the subjects to learn by playing. However, in most learning plans, there was a certain absence of this “recreating oneself”, as they exposed in their practices a predominance of traditional teaching of copying and reproducing and that place deaf subjects as infantilized students due to their lack of hearing. Analyzing the results, it is evident that it is necessary to find teaching methods, school spaces, taking students out of the classroom with playful methods that can stimulate student learning, deaf students in a powerful and meaningful way.

Keywords: Special Education. State of Recreation. Playful strategies. Deaf.

SUMÁRIO

QUANDO TOCA O SINAL.....	8
PRIMEIRO SINAL: É HORA DO RECREIO!.....	11
2 SEGUNDO SINAL: UM OLHAR RECREATIVO SOBRE AS PRÁTICAS DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS!.....	20
POXA! É MESMO A HORA DE VOLTAR PARA A SALA DE AULA?	35
REFERÊNCIAS	38
ANEXO	41

Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim... (KRENAK, 2019, p. 13).

QUANDO TOCA O SINAL...

*No quintal a gente gostava de brincar com palavras mais do que bicicleta.
Principalmente porque ninguém possuía bicicleta.
A gente brincava de palavras desconparadas.
Tipo assim: O céu tem três letras
O sol tem três letras
O inseto é maior.
O que parecia um despropósito
Para nós não era despropósito.
(Manoel de Barros, 2010, p. 31)*

(Um pátio, uma quadra, bancos por todos os lados, dia ensolarado, céu azul sem nuvens, crianças olhando para o relógio, corpos tensos, adrenalizados, cansados, entediados, o recreio espera para começar!)

Primeiramente, me apresento como autora desta pesquisa, formada em Teatro licenciatura pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), no ano de 2018, graduanda em Educação Especial e pesquisadora do Ensino de Língua Portuguesa para Surdos. Este trabalho trata de uma pesquisa qualitativa, narrativa, e o tema parte da minha perspectiva sobre a união de três vertentes: Estado de Recreio, Formação de Professores e Educação Especial. A partir desta inter-relação, e de uma admiração pelo recreio escolar, inquietei-me com diversas questões. Uma delas é quando sinal do recreio toca, ele não é palpável, mas, é ansiado por todos, e quando soa, a balbúrdia está lançada, a correria começa, o arrastar das classes, a algazarra se lança para o pátio onde a experiência acontece, o jogo, a brincadeira, o estado de ânimo, o frio na barriga, não precisaria acontecer somente neste intervalo de vinte minutos, poderia acontecer também dentro da sala de aula, e por quê não?

Como se daria este Estado de Recreio em sala de aula? Como o professor poderia afetar seus estudantes e se deixar afetar para que houvesse o recreio existencial em sala de aula? A Educação precisa ser séria? Sisuda? Infantilizada? Verticalizada? Tradicional? Ou ela pode simplesmente ser um Recreio, onde ocorre a experiência? O Estado de Recreio pode acontecer também no Professor? Afinal, para criar afetos precisamos também nos permitir, nos afetar...

Junto com essas inquietações, surge o principal problema da pesquisa: Como estimular o Estado de Recreio na formação de professores do curso de Educação Especial que irão trabalhar com o corpo surdo?

Procuro responder este problema a partir do meu objetivo geral: Compreender o Estado de Recreio, em estratégias brincantes, para a formação de professores que trabalharão com corpos surdos.

E meus objetivos específicos que são: Discorrer sobre o conceito de Estado de Recreio e a importância em estimulá-lo na escola; identificar a importância das metodologias como estratégias brincantes de ensino e de aprendizagem do Estado de Recreio na Educação Especial e na Educação de Surdos.

Os objetivos acima descritos vêm a partir de teorias, vivências e práticas, em observações de estratégias de ensino desenvolvidas na disciplina do curso de Educação Especial, nomeada: Ensino de Língua Portuguesa para Surdos, além das discussões a partir da Pesquisa Narrativa. A metodologia, que virá mais detalhada no segundo capítulo, foi realizada a partir do relato de experiência desta disciplina, na qual procurei investigar a questão: Nas estratégias expostas ao decorrer do semestre, houve Estado de Recreio?

O referencial teórico dá apoio ao diálogo para a discussão que trago, com base no Estado de Recreio na Educação, em que Silva (2019) e Larrosa (2002), emprestam suas ideias ao estabelecer relações com Edgar Morin (2002), que propõe questões como a desverticalização da escola, em uma forma diferenciada de educar.

Para dialogar com estratégias brincantes para professores apresento autores que explanam sobre a infância, como Deleuze (1997). E para debater sobre a prática de ensino apresento o autor: Freire (1996), que trabalha na perspectiva da Pedagogia do Oprimido, como práticas para que nós (professores e estudantes) repensemos nosso lugar como oprimidos e nos enxerguemos como protagonistas, dentre outros autores que fui esbarrando no pátio escolar.

Divido meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em três capítulos ilustrados com os toques de sinais que indicam o tempo de recreio, que é o próprio estudo.

No primeiro capítulo, "PRIMEIRO SINAL: É HORA DO RECREIO!", discorro sobre o conceito de Estado de Recreio e a importância em estimulá-lo na escola. O recreio, defendido por Silva (2019), é um espaço de convivência das crianças. É nesse local que elas viajam, brincam, dialogam, trocam conhecimentos e, imersas nesse estado, podem interagir com o outro, resolver confusões e tornarem-se protagonistas em suas vivências e criações. Trago este conceito e discuto sobre a importância de estimular este Estado de Recreio em outros espaços escolares.

No segundo capítulo: “SEGUNDO SINAL: UM OLHAR RECREATIVO SOBRE A DISCIPLINA ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS”, discuto sobre a existência ou não do Estado de Recreio nas estratégias apresentadas pelos acadêmicos do curso de Educação Especial, na disciplina Ensino de Língua Portuguesa para Surdos. No que se refere a Educação de Surdos Freire (1996), provoca uma transformação de paradigmas para se pensar o ambiente escolar. É preciso que este contexto tenha um profundo significado para os estudantes.

E finalizo com o último capítulo: “POXA! É MESMO A HORA DE VOLTAR PARA A SALA DE AULA?”. Nele, busco a partir da análise das estratégias da disciplina defender o Estado de Recreio na Formação de Professores da Educação Especial, como forma de repensar seus planejamentos para o ensino e aprendizagem de estudantes surdos.

...Agora pergunto: estão preparados para ir ao pátio?

Toca então o sinal, as classes são quase arremessadas, folhas voam pelo ar, a balbúrdia está lançada...

É a hora do recreio...

1 PRIMEIRO SINAL: É HORA DO RECREIO!

*Cresci brincando no chão, entre formigas.
De uma infância livre e sem comparamentos.
Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.
Porque se a gente fala a partir de ser criança,
a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha,
de uma tarde e suas garças,
de um pássaro e sua árvore.
(Manoel de Barros, 2010, p. 187)*

- _ Maria!!! Chegou a hora do dia que eu mais amo!!!
- _ Qual João???
- _ Como você não sabe Maria? É a hora do recreio!!!
- _ Oba!!! Vamos brincar de quê?
- _ Do que a gente quiser!!!!

O recreio é um momento importante para aprender. Afinal, a escola é a soma de duas frentes de trabalho que acontecem em seu espaço. É um espaço de estudo, mas também é um espaço de convivência, de trocas sociais, de afetos. Neste sentido, o Estado de Recreio, conceituado por Sanches (2018) traz sinônimos como, Estado de jogo, disponibilidade e presença, sendo que, para Ryngaert (2009), a presença surge como energia que vibra, como uma disponibilidade da criança, o momento em que ela está inteira, entregue ao que lhe aparece como experiência lúdica e criadora.

Também conhecido por Ryngaert como estado de alerta, como uma presença viva para si, para o mundo e para o outro. Segundo Alves (2004, p. 19), o recreio é o conteúdo “mais rico e polissêmico que o dos textos escritos, auxilia-nos na tarefa de compreender e de explicar melhor a complexidade e a dinâmica do cotidiano escolar”. Observar este intervalo possibilita compreender a cultura, a história, a subjetividade, a existência ou não dos jogos populares e o estado físico dos estudantes ao experimentá-los.

A marca da criança é a sua expressão através da intensidade e a sua aprendizagem a partir da experimentação e da brincadeira. A imaginação da criança tem um corpo com

órgãos (seu corpo físico) e um corpo acessório (sem órgãos) de que são compostos o tempo todo; é por isso que ele consegue se misturar em diferentes mixagens, criando diferentes articulações com o que vivencia (DELEUZE; GUATTARI, 2011).

E na escola? No recreio escolar? Qual é o estado de jogo que as crianças experimentam ao brincar? Por que tanto tempo para estudar e tão pouco para brincar? O brincar também se faz presente na hora do intervalo nas escolas, que é descrito pelas crianças como um lugar divertido e que se pudessem, prolongariam este tempo de vinte minutos, brincando e jogando ao longo do dia. Deixando claro o espaço da sala de aula como um lugar de trabalho sério e o pátio como sinal de diversão e liberdade (SILVA, 2019).

O recreio ocorre diariamente como uma experiência que não é possível de ser repetida, sendo esta uma experiência que nos acontece, nos toca e nos passa. Larrosa (2002) defende que a escola está cada vez mais se distanciando do real significado de experiência, devido ao excesso de informação e opinião. Os estudantes estão passando mais tempo na instituição e ironicamente estão tendo menos tempo para que algo os toque e os aconteça. O sujeito da experiência (LARROSA, 2002) será algo como um território de viagem, aberto, disponível, como uma superfície sensível sobre a qual o que está acontecendo afeta de alguma forma, cria um impacto, deixa rastros e efeitos.

Este espaço possível que possibilita afetos e que deixa marcas, é o tempo do recreio. Esta disponibilidade que em muitos momentos é aparentada fisicamente, pode ser vista pela adrenalina, pelo suor, o coração acelerado e o frio na barriga, que Sanches (2018) denomina como Estado de Recreio, o que se aproxima ao que Freire e Scaglia (2009), chamam de Estado de Jogo. Freire e Scaglia (2009) afirmam que, em muitos momentos, quando a criança joga, a escola pensa que ela não está aprendendo e não reconhece o jogo como aprendizagem significativa para a vida. Para alguns adultos, é apenas balbúrdia e não possui importância em uma sociedade séria. É comum na literatura o termo “os jogos”, mas esquece-se do principal: “o ato de jogar”, pouco é refletido sobre este fenômeno. Assim como afirmam Godoy *et al.* (2022), que, ao utilizarmos o termo “jogo”, estamos falando da manifestação, pensando a partir do conceito, no entanto, ao utilizar o termos “jogos” fazemos referência à manifestação materializada em seus objetos-culturais: brincadeiras, artes, esportes, entre outros.

Assim, segundo Freire e Scaglia (2009), o jogo pode em muitos momentos soar como ameaça, devido a sua aparente oposição à sistematização e responsabilidade tão

valorizadas pela sociedade. Por este motivo, é visto como perigoso o jogo ser proposto nos currículos escolares: “Para não correr riscos, a escola prefere abrir mão da riqueza pedagógica do jogo (p. 167). Neste sentido, não é difícil lembrarmos de Foucault (1987) e sua problematização do sistema panóptico do Vigiar e Punir, em que se faz necessário meios de vigilância para que o controle seja mantido, seria, então, o jogo uma ameaça a esse sistema de manutenção da ordem, como dito anteriormente.

Outro estímulo que surge a partir do Estado de Recreio (SANCHES, 2018), (frisando aqui novamente o termo jogo), é a criatividade: ninguém cria se não for livre para fazê-lo. O jogar constitui um campo fértil de transgressão, de liberdade, de ruptura com velhas fórmulas (FREIRE; SCAGLIA, 2009). Basicamente, criar é formar (OSTROWER, 1977). É poder dar forma a algo novo. Independentemente do campo de atividade, neste “novo” trata-se de conexões recém-estabelecidas com o espírito humano, de fenômenos relacionados e entendidos de uma nova maneira. Assim, o ato de criação inclui a capacidade de conhecer; e este, por sua vez, associar, ordenar, configurar, significar.

Como está esse corpo, como é atravessado pela externalidade, o que pode ser visualizado a partir da euforia, do calor, dos risos, e tantas outras expressões que potencializam esse corpo em estado de recreio? Sobre esse momento Souza aponta que:

O espaço de recreio é a entrega dos estudantes à brincadeira, na qual elas sentem-se livres, dialogam entre si, mostram seus interesses, descontentamentos, conflitos, desejos e conhecimentos. Elaboram regras, saberes e formas de lidar com o outro. É um estado de compreensão do mundo, de participar da cultura e de transformá-la. (SOUZA, 2014, p. 05).

Este Estado de Recreio nos componentes curriculares, nos ajudam a perceber o que é estereotipado e infantilizado e o que é real e expressivo, como uma risada autêntica de uma criança ao jogar. Na sequência desse jogo, a expressão corporal dos estudantes é um termômetro no qual se faz possível descobrir se estão ou não gostando da proposta.

Nesse jogar, quando se interessam pelo planejamento, os estudantes exibem corpos vivos, presentes e atentos. Estes corpos participantes, precisam ser acordados, segundo Le Breton:

A preocupação moderna com o corpo, no seio de nossa “humanidade sentada”, é um indutor incansável de imaginários e de práticas. “Fator de individuação” já, o corpo redobra os sinais da distinção, exhibe-se à maneira de um fazer-valer. (BRETON, 2003, p. 10).

Ressalto a importância do estímulo do Estado de Recreio mudar a perspectiva sobre o que se é ensinado, questionar, emocionar-se, para então obter o conhecimento.

A afetividade pode asfixiar o conhecimento, mas pode também fortalecê-lo. Há estreita relação entre inteligência e afetividade: a faculdade de raciocinar pode ser diminuída, ou até mesmo destruída, pelo déficit de emoção; o enfraquecimento da capacidade de reagir emocionalmente pode mesmo estar na raiz de comportamentos irracionais. (MORIN, 2000, p. 20).

Um filósofo que discute também sobre este universo é Walter Benjamin (1984), que oferece a possibilidade de pensar a infância não no sentido linear ou romantizado, mas a criança enquanto indivíduo social.

Na Educação, quando falamos da importância do brincar, é importante ressaltar que o protagonista deste experimentar é o próprio estudante (seja este, criança, jovem, adulto, idoso, etc.), é ele que vai enriquecer sua ação imaginativa.

É preciso acolher sem interferências que o estudante crie, invente histórias, imagine e que seu imaginário social reverbere em suas ações. O estudante surdo que tem em seu contexto e cotidiano o jogo do *videogame*, ao invés de eu, como professora, negar este gosto, pedir que ele o abandone e partir para uma outra ação, eu posso, a partir deste desejo trabalhar a alfabetização, escrita a partir deste imaginário. Como eu posso inserir o vídeo game de modo interessante, corporal, para que o estudante fique instigado a se divertir e aprender? Não se trata de ignorar, mas sim, de escutar.

Em nossa formação de professores, o que esperamos em relação aos princípios educacionais dos estudantes surdos? Benjamin (1984) propõe brincar em nossas práticas cotidianas, tanto na Educação como na vida. Brincar no sentido de protagonizar, interpretar, dentro de uma possibilidade em que nós professores respeitemos a autonomia e a autenticidade dos estudantes. O autor em suas teorias provoca em nós professores aprender a ouvir, observar, reconhecer as línguas, os diálogos, as construções, particularidades e criações.

O autor me faz pensar como professora em formação: com quem estou aprendendo? Como estou me formando? Minha prática é acessível? Estou propiciando momentos de questionamentos? O que eu ensino faz sentido para os estudantes? Trazer o Estado de Recreio para as escolas e em diversos espaços, experimentemos, descubramos nossas potencialidades, nos redescubramos e nos reinventemos.

Benjamin em seus estudos sobre a Infância (1984), utiliza a estética, pois trata da percepção de uma dimensão humana corpórea, do sentido, da experiência, do sentimento, da criatividade, das imagens, da poesia e da memória. E este Estado Criança

está presente a partir de um viés autobiográfico, pelo brincar, pela arte, pela pedagogia, pelos livros e também pelas recordações.

A teoria do filósofo refere-se à palavra experiência, do adulto como narrativas de histórias a partir da oralidade. Na criança, se dá pela repetição como categoria constituinte do jogo e da brincadeira, como estado brincante que requer um olhar atento às possibilidades de sentido que a infância provoca.

O adulto, ao narrar uma experiência, alivia o seu coração dos horrores, goza duplamente uma felicidade. A criança volta a criar para si todo o fato vivido, começa mais uma vez do início. Talvez resida aqui a mais profunda raiz do duplo sentido nos “jogos” alemães: repetir o mesmo seria o elemento verdadeiramente comum. A essência do brincar não é um “fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, transformação da experiência comovente em hábito. (BENJAMIN, 2002, p. 101-102).

Brincar é uma linguagem, talvez a mais completa, pois permite expressar toda a possibilidade de estar no mundo. É um modo de existência. Nós quando crianças, descobrimos o mundo tocando nas coisas com curiosidade e nos divertindo. O estado de brincadeira diversas vezes desacomoda quem enxerga de fora, com um olhar tradicional de como ensinar. É se divertindo que as crianças, jovens, adultos e idosos aprendem.

Brincar é fundamental, é sobreviver em um mundo sério e vertical, isso vale tanto para os estudantes como para nós docentes. É poder sonhar e pensar ao mesmo tempo, transformando e energizando a visão do mundo, como defende Nunes:

Ao colocar os estudantes em fila, uma cadeira frente à outra, estabelece-se o princípio de uma forma! Ao não deixar o estudante se expressar por meio de suas falas e seus gestos, reforça-se outro princípio de forma; ao considerar que o estudante só deve se manifestar fisicamente apenas quando lhe é permitido, pratica-se outro princípio da forma é: ao dizer ao estudante que primeiro o professor fala e os “burros” obedecem ou baixam as orelhas reforça-se mais um princípio da forma. Ao romper com as brincadeiras das crianças, com o faz de conta, outro princípio da forma é lembrado. Enfim, são vários os princípios da forma que a desforma tem que desconstruir, pois, a partir dela, aprende-se com o que há de mais divertido, mais gracioso e mais livre em si e no outro. (NUNES, 2016, p. 97)

Uma criança se diverte, ela se constrói em seus aspectos cognitivos, psicomotores, a partir da imaginação e criatividade. A infância não espera do lado de fora da instituição. Ela está dentro de todos os espaços. Fiquemos disponíveis, escutando, agachados para ficar à altura da criança, olhá-la nos olhos e compreendê-la.

Aprendamos com os estudantes como ser livres, ir além de planejamentos, abrir mão das expectativas, deixar-nos afetar. O brincar nunca morre, ele renasce a cada momento como se fosse a primeira vez que se brinca. O brincar, muitas vezes, é uma forma lúdica de autonomia, de expressão de sentimentos e abarca culturas e sociedades. O divertir-se tem suas narrativas, inquietações, símbolos e faz florear no adulto e na criança a criatividade, a inteligência, a imaginação.

Eu, como professora-artista, foco aqui o surdo, respeito seu tempo, gostaria de oferecer a liberdade para a criação, não como um modo de passar tempo, mas, a sua invenção. Os estudantes passam a maior parte do tempo nas escolas, ao invés de ser um ambiente maçante, por que não nos afastarmos e ofertarmos momentos brincantes com ousadia?

Por que não instigar a perceber o mundo pelas texturas, pelas cores, pelo tato, a partir de outros sentidos? Podemos aprender com matérias vivas que mostrem o corpo potente com uma integralidade para fazer nascer narrativas.

O cotidiano escolar é regido por tempos estritos para os acontecimentos. O tempo socialmente necessário (que é uma medida arbitrária definida pela professora) para determinada lição, o tempo para falar, para o recreio, para ir ao banheiro, para a merenda. O cotidiano escolar é pontuado por um sinal. Pontua o tempo que é sempre acompanhado por uma certa ansiedade e angústia demonstradas pelas crianças por algum movimento: gritos e palmas. As crianças não dominam o tempo, obedecem-lhe, até que seus corpos acabam por funcionar de acordo com este tempo determinado por outros: a vontade de comer, de ir ao banheiro. (ABRAMOWICZ, 2006, p. 42)

Nós acostumamos os estudantes a sentarem em cadeiras com mesas para se concentrarem e são vistos muitas vezes como folhas em branco para serem preenchidas pelos professores. Eles não são um recipiente para serem preenchidos, não são filhotes que serão adestrados, não são máquinas para serem programadas.

Estão em formação, mas não precisam estar em preparação constante para a vida adulta, para o trabalho, para o mundo competitivo. Defendo aqui a necessidade não somente de sentir a infância em nossos corpos, mas, também de nos devolver a esse corpo vivo e expressivo esquecido por nós.

Quando eu era criança, tudo tinha alma, o mundo era cheio de vozes, conversava com pedras, plantas, bichos, brinquedos e com seres imaginários. Fazia comparações, metáforas, construía imagens.

Uma formiguinha levando uma folha nas costas jamais passava despercebida, as perguntas sobre o mundo (onde vai a luz quando fica escuro?), para mim nada era óbvio, tudo me inquietava, então enchia os adultos de questionamentos. Aborrecidos com os infinitos “por quês?”, alguns me respondiam: “porque sim”, porém eu não me contentava e seguia desbravando o mundo. Fazia novamente e fazia de conta, como ficava feliz com os recomeços! Montava minha torre de bloquinhos coloridos, derrubava, desmanchava e recomeçava.

Pedia para minha mãe repetir as narrações. E ao reiniciar as brincadeiras, ganhava confiança no mundo. Nesse momento, a vida não era aleatória, ou acabaria de repente, o viver tinha travessias. Estas recordações me remetem às palavras de Manoel de Barros:

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade. (BARROS, 2003, p. 31)

Quando brincamos estamos nos projetando a um devir, com adrenalinas, borboletas no estômago presentes em nossos corpos e em nossas consciências, exercitando nossos músculos reprimidos, robotizados.

Estamos perguntando a este corpo: qual é o seu desejo? O que você gosta? O que você quer? Esqueceu? Não quero me acostumar como professora a dar ordens, a direcionar, não pretendo que estas crianças se acomodem e compreendam que elas devem fazer o que os outros desejam, como nós educadores que realizamos o que os chefes ordenam. Não estou aqui sugerindo uma rebeldia ou desobediência, mas de olhar novamente para si e perguntar: O que eu (professor) gostaria?

E eu, como professora em formação, que cuidarei destes corpos com particularidades, qual é o meu repertório? Utilizarei jogos sem sentido apenas por reprodução, ou irei reinventar a cada momento como um educador brincante que instiga o estudante com um olhar diferenciado? Será que este estudante quer realizar aquela atividade cansativa, sentado, que não faz sentido? Ou ele gostaria de explorar com interesse vívido, curioso, corporificando sensações? Já questionei o estudante sobre o que e como ele gostaria de aprender?

Acredito que iríamos nos surpreender com as respostas. Relembremos e nos reconectemos com nosso Estado de Recreio, adormecido em nós, basta apenas acordá-lo.

Voltemos ao tesouro de nossa infância.

Dialogar sobre este espaço que foi recusado por nós quando crescemos.

Qual foi a última vez que pisamos descalços na grama,
que observamos insetos, que nos deixamos tocar pela vida como ela se mostra?

Qual foi a última risada inteira e autêntica que demos?

Qual foi a última vez que

brincamos e nos divertimos sem notar a passagem do tempo?

Se eu quero que o estudante seja livre,

aprenda,

crie suas próprias narrativas e ao mesmo tempo preste atenção na aula de corpo e alma,

esse momento precisa ser a alma, leve, interessante, criativa, diferente, fora da caixa, da zona de conforto, das classes verticais.

Criemos

um mapa para um caminho cheio de descobertas

e aventuras até a chegada deste tesouro de nossa infância

que será nosso projeto de criação,

um caminho de autoconhecimento e

descoberta das possibilidades criadoras.

Um retorno de outrora e o redescobrimto de agora. A infância em nós! Bachelard (1988, p. 125): “Em nós, ainda em nós, sempre em nós, a infância é um estado de alma”. Alma de infância? Crianças no recreio! Recreio em nós, professores. Professores e crianças em Estado de Recreio!

SEGUNDO SINAL: UM OLHAR RECREATIVO SOBRE AS PRÁTICAS DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA SURDOS

[...] Isto porque a gente havia que fabricar os nossos brinquedos: eram boizinhos de osso, bolas de meia, automóveis de lata. Também a gente fazia de conta que sapo é boi de sela e viajava de sapo. Outra era ouvir nas conchas as origens do mundo... (Manoel de Barros, 1996)

_ Ei Maria, será que a professora vai dar a mesma atividade da semana passada?
_ João! Para de pensar nisso! O recreio já tá quase no fim, e a gente tem que aproveitar!

São falas como essas, mesmo fictícias que repercutem no pátio, juntamente com sensações como: alegria de estar brincando, tristeza por ter que retornar para a sala. Quantas vezes quando crianças sentimos vontade de fugir da sala de aula? Criar um paraquedas que nos libertasse daquele momento monótono?

Então, talvez o que a gente tenha de fazer é descobrir um paraquedas. Não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos. Já que aquilo de que realmente gostamos é gozar, viver no prazer aqui na Terra. Então, que a gente pare de despistar essa nossa vocação e, em vez de ficar inventando outras parábolas, que a gente se renda a essa principal e não se deixe iludir com o aparato da técnica. Na verdade, a ciência inteira vive subjugada por essa coisa que é a técnica. (KRENAK, 2019, p. 31).

E foi com paraquedas coloridos, alguns nem tanto, outros um esboço, que me deparei ao participar da disciplina de Ensino de Língua Portuguesa para Surdos, do 6º semestre do curso de Educação Especial.

A metodologia utilizada neste estudo foi um relato de experiência. A apresentação tem uma visão detalhada da experiência, ou seja, o tema é discutido do ponto de vista do narrador. Do ponto de vista metodológico, é uma forma de contar, de expressar o acontecimento vivido. Nesse sentido, o relato de experiência é uma informação que é compartilhada com o aporte científico. Portanto, o texto deve ser produzido na primeira pessoa de forma subjetiva e detalhada. (GROLLMUS; TARRÉS, 2015).

Este tipo de texto trata de experiências relacionadas ao ambiente acadêmico, compreendendo fenômenos no campo das oportunidades de intervenção e promovendo a formação acadêmica e profissional. Além disso, é importante identificar, diferenciar e

refletir criticamente sobre experiências próximas e distantes (GEERTZ, 2000). A primeira está relacionada à experiência em si, acontece informalmente, sem atividade criticamente reflexiva e sua aplicação em outras situações ou com outras pessoas. A segunda é utilizada intencionalmente para compreender, criticar e refletir sobre os acontecimentos, ou seja, para explicar a estrutura analítica do conhecimento com esforço acadêmico-científico por meio da aplicação crítico-reflexiva com suporte teórico-metodológico (experiência remota).

O relato de experiência deste trabalho é, portanto, utilizado para compreender qualitativamente a presença ou não do Estado de Recreio nas estratégias desenvolvidas pelos professores de Educação Especial em formação a partir da experiência descrita a seguir.

A disciplina foi permeada por inúmeras inquietações, dentre elas nos foi proposto pensarmos em estratégias e intervenções para os estudantes surdos. Nestes planos de ensino deveríamos nos questionar: O tema que escolhi fará diferença no aprendizado para a vida que gira em torno deste estudante? Este aprendizado trará quais consequências para a família que também estará aprendendo junto? Qual o movimento de aprendizagem que poderá acontecer?

A partir destas inquietações as aulas objetivaram: proporcionar a compreensão da significação da Língua Portuguesa para os Surdos, elucidando aspectos relevantes da produção textual destas comunidades. E foi dividida em três unidades: na primeira, foram trabalhadas questões como o significado da escrita na Educação dos Surdos, a Língua de Sinais como suporte linguístico para a aprendizagem da Língua Portuguesa (L2) e a gramática da Língua Portuguesa como segunda língua.

Na segunda Unidade foram trabalhados os conteúdos das características da produção escrita dos surdos e a produção de textos por surdos. E para finalizar, na terceira unidade, foram discutidas a coesão em escrita de surdos e a coerência na escrita de surdos.

Importante ressaltar que na disciplina não teve caráter expositivo, visto que se tratava de uma turma de futuros Educadores Especiais e foi colocado em pauta a extrema importância da participação de todos, com discussões, proposições e práticas que sugerissem a ideia/conceito de “brincar com palavras”, a fim de que realizassem a atividade avaliativa final, que consistiu em elaborar um planejamento com atividades que colaborassem na alfabetização dos surdos.

Os estudos durante o semestre tiveram um caráter investigativo em que se pretendeu partir de diálogos e estudos para procurar argumentos que levassem à compreensão do objetivo da disciplina. Assim, a participação em eventos acadêmicos foi amplamente recomendada e compartilhada em conversas presenciais ou por registros em que todos tiveram acesso e puderam comentar.

Entre essas participações, intervenções e discussões, procurei investigar: onde está o Estado de Recreio? Houve Recreio? As estratégias foram brincantes? Tais inquietações eu dialogo a seguir no decorrer dos encontros.

O início dos encontros foi marcado por diversas argumentações pertinentes à formação de Professores de Educação Especial, sobretudo os que irão trabalhar com estudantes surdos. Os argumentos que iam contra uma educação bancária de transmissão do conhecimento (FREIRE, 1996), colocavam os estudantes surdos como protagonistas da aprendizagem?

Na aula do dia 20/10/2021, acordos foram combinados conforme o plano de ensino da disciplina, e foi evidenciado que o tratamento que a professora regente daria aos estudantes é o de professores em formação, desde que escolheram o curso a matricular-se, optaram por serem educadores e desta forma seriam tratados: “Vejam-se neste lugar! Nossa sala é uma sala de professores!”. Não como futuros professores, como detentores do saber, mas aqueles que estão dispostos também além de ensinar, a aprender.

Educar é educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde a — sede do saber, até a — sede da ignorância para — salva, com este saber, os que habitam nesta. Ao contrário, educar é educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem pouco sabe – por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar, a saber, mais – em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais. (FREIRE, 1979, p. 25).

Essa busca incansável pelo saber libertário, permeou as discussões da aula do dia 27/10/2021. Houve uma proposta que sugeria “brincadeira com palavras”, que consistia em escrever palavras que provocassem algum tipo de sentimento dentro de bexigas com tintas e jogá-las na parede. E ao lançar, brincar com diferentes ritmos, formas de jogar, diferentes sentimentos, como exemplo: Jogar a bexiga com alegria, com raiva, etc. Trabalhando além da alfabetização de modo lúdico, a expressão corporal e facial, como uma linguagem visual tão presente no cotidiano dos surdos.

Em seguida foi discutido como associar este jogo com a alfabetização e como associar palavras e cores, e foi pensado uma brincadeira inicial com cada turma para trabalhar palavras, sentimentos que evocam desta palavra e cores que remetem a este sentimento e palavra.

Notou-se uma certa apreensão e resistência com a palavra “brincar” e “experimental”, como se nós professores precisássemos sempre de algo palpável, concreto, sem necessitar de muita criatividade. Esta busca constante por estratégias brincantes, me remete ao conceito de Devir-criança de Deleuze e Guattari (1997), como um professor que se torna criança para brincar/aprender junto com os estudantes.

Um devir-criança: um corpo que não imita ou quer se tornar uma criança, mas um corpo que, desprendido das suas unidades já conhecidas, experimenta as potências do infantil. Toda expansão de desejo expõe matérias não formadas, tensores, desafia mundos possíveis e mundos reais, produz bifurcações e lança os corpos em devires e experimentações, em uma gradação indiscriminada de intensidades, velocidades e lentidões. Devir-criança é um movimento contemporâneo, criação cosmológica, invenção de mundo: um mundo que explode e a explosão de um mundo novo. (KOHAN; FERNANDES, 2018, p. 08)

O professor, tornando-se uma criança sem limites, é incluído na educação, como condição de possibilidade de outra forma de ensinar e aprender brincando, é uma forma de vivenciar o nascimento de um Recreio.

É sempre uma constelação afetiva. (...) o mapa das forças ou intensidades tampouco é uma derivação do corpo, uma extensão de uma imagem prévia, um suplemento ou um depois. Pelo contrário, é o mapa de intensidades que distribui os afetos, cuja ligação e valência constituem a cada vez a imagem do corpo, imagem sempre remanejável ou transformável em função das constelações afetivas que a determinam (DELEUZE, 1997, p. 73).

Logo, faz-se fundamental o exercício de praticar a criatividade dos professores em formação, e pensar em atividades em que os estudantes são os protagonistas e não o professor que está no centro das atenções. Em meio a estas discussões que foram surgindo, uma colega sugeriu uma atividade que consistiu aos professores em formação inicial falarem uma palavra, o sentimento que remete a esta palavra e a cor que lembre o sentimento, e surgiram palavras como:

Colega 1: SAUDADE - saudade da família, pois moro longe e a cor seria **amarelo**.

Colega 2: AMIZADE e a cor seria **amarelo**.

Colega 3: ESTÉTICA, me remete ao padrão de beleza, isso me traz uma revolta, então a cor é **Preto**.

Colega 4: FAMÍLIA, me lembra cor **Azul**.

Colega 5: FAMÍLIA, vou colocar a cor **vermelha**, pois além de ser as pessoas aqui de casa família também é a cor da minha igreja que é vermelha.

Colega 6: AMOR, a cor é **rosa**, pois é um sentimento leve.

Colega 7: EMPATIA, entender o motivo do porquê da ação de uma pessoa e a cor é **amarelo**.

Colega 8: EMOÇÃO, e vou escolher **vermelho**, pois minha filha fez um ano e há um ano eu tive a emoção de tê-la dado à luz. E o vermelho é uma cor forte que representa o que eu senti naquele dia.

Colega 9: FOME, cor **preto**. Uma cor que tem apatia, que transmite a dor da fome da sociedade.

Colega 10: LIBERDADE, cor **azul**. Porque é uma cor representada por algumas causas. E ela representa a liberdade de ser quem tu és.

Colega 11: FELICIDADE, **várias cores**. Na pandemia eu fiquei tão trancada na pandemia que quando eu saí, percebi que temos muitas coisas felizes para vivenciar e é um momento muito presente na minha vida agora.

Colega 12: PAZ, família, amigos, do mundo e pensei na cor branca que representa a paz e a calma.

Colega 13: EMOÇÃO, cor **cinza**, porque eu fui no estádio do Corinthians e me deu uma emoção tão forte que comecei a torcer por este time. E o cinza é a mistura do preto com o branco, cores do meu time.

PROFESSORA: DOCÊNCIA, eu penso em **azul** bem clarinho.

Segundo a professora, nossa Cultura Latina tem muita corporeidade nas palavras, e estão todos relacionados, cores, movimentos, palavras, sentimentos. E muitas vezes colocamos cores para dar sentido às palavras.

Foi discutido também sobre a palavra Estética, pois o corpo da docência em Educação Especial possui uma estética, ou seja, uma forma, um jeito diferente de um engenheiro, por exemplo. Como nos flexibilizamos em nosso modo docente de Educadores Especiais de trabalhar em nos espaços de docência? Como movimentamos saberes? Como levamos aos espaços escolares o brincar com cores, sentimentos e palavras? É diferente de escrever em quadros e cadernos?

Como um desenfileirar, sair da sala, ir para a escola, acordar este corpo vivo, de forma que a aula fique interessante para que eles sintam vontade de aprender, pegar o jogo didático e colocar no corpo?

Em geral, a escola apela somente ao cérebro, crianças com os braços cruzados, atados a si mesmos. [...] ainda hoje encontramos crianças que estão atadas aos bancos, a quem não se permite expandir-se, provar-se, incluir todos os aspectos corporais nas novas aprendizagens. (FERNÁNDEZ, 1991, p.63).

Esta defesa pelas práticas diferenciadas permeou o encontro do dia 03/10, que foram defendidas em estratégias que Paulo Freire (1996), em sua “Pedagogia da Autonomia”, coloca o estudante como foco das estratégias, juntamente com suas especificidades, dificuldades, contextos e potencialidades, sem negar suas opressões. Na pedagogia de Freire, o sujeito não é passivo, formado pela pressão do meio, mas é o sujeito, significando experiências de vida, e a si mesmo a partir do conteúdo libertador e da prática pedagógica. O aluno aprende quando o professor aprende, como um processo de cumplicidade:

[...] não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1997, p.32).

Porém, neste processo de cumplicidade, muitas vezes nós professores corremos o risco de infantilizar o estudante. Não é porque temos um corpo e uma metodologia-recreio que precisamos tratar o aluno de modo infantil, podemos sim convidá-lo a brincar, sem estereótipos.

Nesse encontro do dia 03/10 houve muitas discussões acerca da palavra “brincar” e notei uma certa dificuldade na compreensão do seu significado e uma insegurança ao sugerir uma brincadeira: Será que vou conseguir? E se der errado? E se não entenderem a proposta? Tais inquietações ainda se fazem presentes em diversos momentos em nossas metodologias docentes. Precisaríamos brincar mais, nos arriscar, desbravar este brincar, sem medo da falha e da vergonha! Que sejamos mais sem vergonha, que davaneemos, que sejamos mais poetas:

Bachelard, em *A poética do Devaneio* (1988, p. 93-137), nos mostra que há sempre uma criança em todo adulto, que o devaneio sobre a infância é um retorno à infância pela memória e imaginação. A poesia é o estimulante que permite esse devaneio, essa abertura para o mundo, para o cósmico, que se manifesta no momento da solidão. Há em nós uma infância represada que emerge quando algumas imagens nos tocam. (KISHIMOTO, 1995, p. 50).

Essas discussões sobre brincadeiras permearam também o encontro do dia 10/11/2021. No início da aula a colega surda sugeriu um jogo que consistia em uma história continuada em LIBRAS, no qual uma pessoa contava uma história e outro colega seguia. Poucos participaram dessa prática, e percebi novamente insegurança por parte dos demais, por não ter conhecimento em LIBRAS, por medo de errar os sinais, serem mal compreendidos.

Esse fato me faz refletir sobre nossa formação como Professores na Educação Especial: como trabalharemos com surdos se nossa comunicação é precária e temos insegurança ao nos comunicarmos? Se temos vergonha de nos expressarmos corporalmente? Por que nossos corpos se tornaram tão inseguros e contidos? Talvez, se brincássemos mais, fôssemos mais expressivos e menos inseguros, poderíamos aprender LIBRAS com mais facilidade:

Ser brincante da e na linguagem, a partir dos jogos mundanos com objetos, brinquedos, palavras, sonoridades, traços, silêncios, terra, água e muito mais, rompe com convenções de linguagem para abarcá-los novamente com a linguagem do corpo-empatia. Ser brincante implica uma experiência de linguagem exigente e interpeladora, pois somente quando nos deixamos abrir a novas interpretações – rupturas e religações – podemos levar adiante o devir de nós mesmos. Esse é o jogo: a alegria da expansão do pensamento. (RICHTER, 2017, p. 14).

E essa brincadeira expressiva, este recreio existencial, precisa (re)sistir nos espaços escolares, nos surdos, ouvintes, na formação de professores na Educação Especial. E um dos caminhos para essa resistência é conhecer o estudante, seu contexto, sua especificidade. Neste sentido, a professora da disciplina fez o seguinte questionamento: “O quanto podemos entrar em contato com o contexto, se não falamos a língua do estudante?” Faz-se necessário então que nós professores estudemos LIBRAS, que consigamos nos aperfeiçoar, nos arriscar, e brincar com as palavras, que percamos o medo dessa língua tão expressiva e brincante! Vamos alfabetizar com nossos corpos! Vamos brincar?

Quantas são as letras do alfabeto do corpo amado? Como soletrá-lo? Como sabelo na ponta da língua? Tem 26 letras? Quantas letras estranhas estrangeiras nesse corpo? Como achar o ponto G na cartilha de um corpo? Quantas novas letras podem ser incorporadas nessa interminável e amorosa alfabetização? Movido pelo amor, pela paixão, pode o corpo falar idiomas que antes desconhecia. (SANT'ANNA, 2011, p. 02).

A partir dessas discussões sobre alfabetização, duas colegas da disciplina sugeriram um jogo de desabafo, cada estudante deveria dizer uma palavra sobre sua aprendizagem de LIBRAS, antes de entrar no curso de Educação Especial, e outra que representasse atualmente no sexto semestre, e surgiram palavras como:

Colega 01: Antes de começar a palavra era ENTUSIASMO, e hoje tenho um sentimento de FRUSTRAÇÃO!

Professora: Então que essa Frustração não seja Destruidora, mas sim, Encorajadora!

Colega 02: Antes era CURIOSO, e agora é DIFÍCIL!

Colega 03: Antes era PAIXÃO, e agora é AMOR, no sentido de cultivar, não desistir, uma construção dia após dia, perseverar!

Colega 04: Antes era EMPOLGAÇÃO, e agora é DECEPÇÃO!

Colega 05: Antes era IMEDIATIVIDADE e agora é CONTINUIDADE!

Com essa atividade ficou evidente a angústia, e como é triste ver uma língua tão brincante e expressiva se tornar motivo de desespero nas professoras.

No encontro do dia 01/12, duas colegas sugeriram uma atividade que consistia em uma história sequenciada, apenas com imagens, sem palavras, e os outros participantes poderiam narrar, a partir das figuras. Após o jogo realizado, a professora propôs que a turma contasse outra história utilizando as mesmas imagens, em seguida foi sugerido que contassem histórias absurdas que fugissem da proposição das imagens, na sequência poderiam recontar, mas, utilizando o gênero de terror.

Este jogo foi importante para demonstrar a importância da criatividade, imaginação e aspectos visuais para os estudantes surdos e se mostrou uma brincadeira potente para trabalhar narrações e gêneros textuais. Foi discutido também sobre a importância de aumentar os repertórios dos professores, de modo que as metodologias utilizadas se tornem interessantes para os surdos.

A partir dessa brincadeira também foram aparecendo algumas inquietações sobre a formação de professores: O que na nossa história vai nos dando coragem de falar, de tentar, de errar? O quanto da nossa história escolar vai nos deixando com medo de errar, medo de dizer algo absurdo, medo de ser motivo de risadas? Estes medos também vão contando a história da nossa docência, e de como superamos estes anseios, nos arriscamos, arregaçamos as mangas e vamos para a luta, para o recreio! Vamos nos permitir! Nos reinventar! Parar com o medo de brincar com as palavras! Vamos Palavrear?

Quase inexplicável, é um reverdecer, um reviver, um ganhar nova força e vitalidade. É uma subjetividade em silêncio, quase calada: quase porque ainda tem palavra, só que é a palavra que fala pelo sujeito e não o sujeito que fala sua palavra. É a palavra que vem de fora, do mundo e não do interior de si. É o desvelo maior, supremo: o cuidado por silenciar a própria palavra para escutar a palavra do mundo. Assim, a reniñez é uma imaginação aberta e atenta. Supõe risco e coragem, abertura ao mundo, à infância, à infância do mundo. (KOHAN; FERNANDES, 2020, p. 06)

Faz-se necessário então, um resgate de uma coragem ao enfrentar dias tão nebulosos da docência, uma segurança e firmeza ao lidar com estudantes que passam mais tempo nos espaços escolares do que em sua casa, olhemos com empatia! Brinquemos! As crianças precisam brincar e nós professores também! Professores brincantes!

Uma poesia como um caracol na parede, que sobe ou desce lentamente e que cria um rastro de sons apenas audíveis em uma travessia desigual e desatenta; uma poesia que, em vez de gritar, nos faça lembrar aquilo que nunca deveríamos ter perdido de vista: a infância da atenção, do corpo, do tempo, da linguagem, da ficção. (SKLIAR, 2018, p. 248)

Essas reinvenções e brincadeiras foram perceptíveis no encontro do dia 12/01. Primeiramente, duas colegas sugeriram um jogo de palavras escondidas: foram mostradas uma sequência de imagens, nas quais a primeira letra correspondente a cada imagem formaria uma palavra e os participantes deveriam adivinhá-la. Este jogo demonstrou a importância do visual para a alfabetização de estudantes surdos, por outro lado poderia haver algumas alterações nesta brincadeira, tornando-a mais divertida e que fizesse mais sentido aos estudantes. Por exemplo: poderiam pegar as iniciais dos nomes de um grupo de estudantes surdos de modo que se formassem palavras, ou até mesmo frases, além de divertido haveria uma troca maior entre os surdos e teria um corpo expressivo.

A segunda proposta consistia em: o professor faz o sinal de um objeto em LIBRAS e o estudante, ao invés de dizer em voz alta, deve desenhar. Ao final, os desenhos são

compartilhados e é analisado se ficaram diferentes ou não. A atividade foi interessante, pois permitiu trabalhar os sinais e a compreensão da língua, aspectos importantes para o ensino e aprendizagem dos estudantes surdos.

Dentre esses aspectos estão os sentimentos que são temáticas potentes de serem trabalhadas. Esta metodologia foi proposta por uma colega que, inicialmente, apresentou um vídeo do filme “Divertidamente”, da Pixar, que apresenta diferentes sentimentos como personagens de cores diferentes e específicas, que trabalham em uma sala de controle dentro da mente de uma adolescente de 12 anos. Após o vídeo, a colega separou alguns *cards* com as cores dos personagens e recipientes com o nome destes: alegria, amarelo; tristeza, azul; raiva, vermelho; nojo, verde; medo, lilás.

Esta proposta foi interessante para trabalhar tanto os sentimentos, como a interpretação do vídeo e atenção ao que foi mostrado, além de explorar o aspecto visual das cores, que são fundamentais na aprendizagem dos estudantes. A partir dessa proposta, reverberaram algumas questões: Como fazer o estudante surdo se apaixonar pela língua? Como inseri-lo afetivamente no ensino bilíngue? Como nós, professoras na Educação Especial, ouvintes, nos aproximamos dos sujeitos surdos?

Faz-se necessário então trocar a pergunta “será que o estudante surdo é capaz de aprender?” pelo questionamento: como posso ensiná-lo e como me abro para aprender junto com ele em um processo de cumplicidade? Talvez, brincando com o corpo, com as palavras, cores, recreios, risadas dentro e fora da sala de aula, a aprendizagem aconteça de modo criativo e diferenciado. Tais discussões sobre esta aprendizagem diferenciada, na qual o Estado de Recreio se faz presente (ou não), prossigo a seguir ao apresentar os planos de aprendizagem propostos nas aulas.

Um dos planos de aprendizagem partiu da temática: alfabetização a partir do interesse dos estudantes. Ele foi pensado para ser trabalhado com dez estudantes da Educação de Jovens e Adultos, em uma Turma de Surdos, usuários da LIBRAS. O tempo de duração do Plano de Aprendizagem seria de três momentos: um, em sala de aula, outro, no pátio da escola e mais um pela cidade. Na parte prática do planejamento, os professores iriam para o centro de Santa Maria/RS com os surdos para colocar em prática o que já fora trabalhado.

Após a conclusão das atividades, mostrariam aos estudantes também o aplicativo *Urmob.city*, responsável por mostrar as rotas dos ônibus, horários e as respectivas paradas que os ônibus passam. A empresa responsável pelo aplicativo é a responsável

pelo transporte urbano da cidade, então sempre está atualizando os horários e rotas. A partir deste planejamento, é possível perceber que tem Estado de Recreio. Primeiramente, porque é uma prática diferenciada que possibilita que o estudante vá e vivencie esse ensino de modo corpóreo, sensorial, exercendo assim

A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas de liberdade (FREIRE, 2010, p. 107).

A partir dessa responsabilidade brincante evocada pelo professor, fica evidente a importância de uma estratégia recreativa de ensino e aprendizagem para estudantes surdos. Neste caso, foi possível, a partir do jogo do ônibus, o ensino de localização e percepção espacial.

O planejamento seguinte trouxe como tema a narração de histórias e teve por objetivo ser realizada com todos os estudantes dos Anos Iniciais, do Ensino Fundamental, em uma escola para Surdos. Em um primeiro momento, a atividade seria proposta em grupos de duas ou três crianças, nas turmas dos Anos Iniciais, do Ensino Fundamental, da escola para surdos. Seria pedido para que cada grupo criasse uma história conjuntamente, mas para isso seriam pré-definidos um cenário, um personagem principal, um vilão e um objeto, que teriam que ser utilizados na criação dessa história. Sendo assim, cada grupo receberia um dado, que seria jogado quatro vezes seguidas. Cada número sorteado de um a seis, teriam opções de cenários, personagens, vilões e objetos. Após sorteados os números, os alunos poderiam verificar na tabela com as opções, quais elementos poderiam ser utilizados na criação da história.

Após definidos os temas da história, os alunos teriam que explorar a criatividade, raciocínio e interação para discutir e escrever a história, podendo nomear os personagens e vilões, especificar como ou onde era o local onde a história aconteceria, podendo criar outros personagens e destinos diversos para o conto. Cada turma seria instigada a produzir uma história de acordo com o nível escolar em que se encontram, sendo uma exigência maior para turmas mais avançadas. Também seria pedido para que eles fizessem uma ilustração de algumas cenas importantes para a narrativa.

Depois da criação da história, os estudantes teriam um novo desafio. A professora iria propor para cada grupo participante que contasse sua história em LIBRAS, para

criarem uma coleção de histórias. Assim, cada grupo com mediação da professora, planejará sua apresentação, de modo que todos pudessem contar uma parte da narrativa ou até mesmo interpretar os personagens. Ao final, todas as histórias seriam disponibilizadas para todos os estudantes e pais, que teriam acesso. Caso os pais autorizassem a publicação dessas histórias, elas seriam disponibilizadas no *youtube*, para que todas as crianças surdas, professores ou pessoas que tenham domínio da LIBRAS, pudessem ter acesso e usufruir das histórias.

O Estado de Recreio deste planejamento permite estimular a criatividade, imaginação e até mesmo a coerência ao narrar histórias:

A estimulação de habilidades dramáticas baseia-se na ideia defendida por John Somers (2008) de que a criação de narrativas é um aspecto indispensável da experiência humana. Para este autor, o ato de criar histórias nos permite “organizar momentaneamente a experiência em uma série de memórias, prever um futuro e experienciar através da história dos outros aspectos do mundo que não experienciamos nós próprios”. (MONTHERO, 2011, p. 169).

Skliar (1998) defende que precisamos contar histórias, narrar, pois a vida é um artesanato narrativo. É preciso criar as condições para que não apenas os artistas o façam, mas, todos os professores e estudantes, para que a escola seja um lugar narrativo e não descritivo, conceitual, lexical, gramatical e apenas retórico. É preciso possibilitar esta contação, no sentido de dar voz àqueles que não a possuem, caso contrário, outros contarão sobre a sua vida em seu lugar, com palavras que não são suas.

Desde que nascemos estamos envolvidos de narração. Para isso, precisamos contar sobre nós, sobre como o outro nos afeta, outros mundos, lugares, outros tempos. Para narrar é preciso estar atento, pois tem como ponto de partida uma profunda atitude de escuta, (no sentido do surdo, escuta visual). Precisamos saber atentar para a narração dos outros, como diz Skliar (1998), precisamos conhecer histórias em letras minúsculas para poder multiplicá-las e assim compor este mundo de narrativas.

O planejamento seguinte teve como objetivo ser trabalhado com o 2º ano do Ensino Fundamental, com crianças surdas, que estariam em processo de aprendizagem da Língua Portuguesa, mas que já tivessem fluência em LIBRAS. Entretanto, pessoas ouvintes que conhecessem o alfabeto ou que tivessem interesse em aprender também poderiam brincar. No planejamento, times envolvendo pais e filhos, teriam que contar uma história com todas as palavras secretas que seu time conseguiu desvendar. Essa narrativa deveria

ter um início, meio e fim, valeria usar a imaginação, criatividade e muito movimento e expressão corporal para a realização da tarefa.

Este planejamento teve em si o Estado de Recreio e me fez refletir sobre a importância da brincadeira na Educação de Surdos, sobretudo junto com a família que em muitos momentos ignoram a necessidade de aprender e ensinar junto de seus filhos. E imersos em estratégias brincantes, pais e filhos podem se conhecer e se (re)conectar.

Na família, a práxis libertadora, tem como atitudes, características a horizontalidade – igualdade de valor – respeito e escuta às urgências dos filhos/educandos, sem desconsiderar as próprias. Trata-se, basicamente, do reconhecimento de si e do outro como sujeitos e de que há um saber em cada membro da família. Caracteriza-a uma atitude esperançosa, identificando os filhos (e os pais) como "seres mais além de si mesmos" – como "projetos" (FREIRE, 1970, p. 73).

Esperança que surge no Estado de Recreio entre famílias, pais que retornam a brincar, sentar no chão e recriar junto dos filhos: eis a esperança e a boniteza da docência!

O planejamento seguinte trouxe como tema “Ludicidade e sentimentos: o poder das palavras” e foi pensado para a Educação Infantil Regular com inclusão. Primeiramente seria proposto a leitura do livro “O Monstro das Cores” (Anna Llenas) e seria questionado ao aluno sobre o que ele pensa a respeito do livro: O que é? Sobre o que é? O que você vê? Neste sentido, a professora construiria um "emocionômetro" com as palavras escritas (em português) pelo estudante (na aula anterior) e solicitaria que ele marcasse o sentimento que estivesse sentindo no momento.

Este plano de aula, me fez pensar na potência que é trabalhar os sentimentos com os estudantes surdos, aspecto que fomos negligenciando ao longo do tempo, como se, para os professores e estudantes, sentir, fosse errado. Em algumas de nossas metodologias sentimos tanto medo de sermos incompreendidos ou vulneráveis por reprimirmos tantos sentimentos, que se faz necessário falar sobre eles, compreendê-los e aceitá-los.

O medo, por exemplo, de nossos sentimentos, de nossas emoções, de nossos desejos, o medo de que ponham a perder nossa cientificidade. O que eu sei, sei com meu corpo inteiro: com minha mente crítica mas também com meus sentimentos, com minhas intuições, com minhas emoções. O que eu não posso é parar satisfeito ao nível dos sentimentos, das emoções, das intuições. Devo submeter os objetos de minhas intuições a um tratamento sério, rigoroso mas nunca desprezá-los. (FREIRE, 2015, p. 29).

Neste sentido, ao falar sobre sentimentos, o surdo pode compreender de modo concreto algo que é tão reprimido em nossa vivência.

O plano seguinte teve como tema principal “O que podemos descobrir sobre e com as palavras”, pensado para o 3º ano do Ensino Fundamental, em uma Escola regular com inclusão de estudantes surdos. Cada grupo teria uma das palavras para trabalhar conforme sorteio e teriam que pensar em como podem definir essa palavra, encontrando um conceito para ela com suas próprias ideias. Também deveriam pensar em possíveis sinônimos para as palavras. Após essa primeira aula, os estudantes levariam essa palavra para casa e discutiriam também com os pais ou responsáveis sobre o que eles pensariam, e como poderiam defini-la, pensando em como essa palavra é importante, tanto no contexto escolar quanto no familiar.

A atividade final seria a construção de um dicionário da turma com todas as palavras descobertas e as palavras derivadas, com seus devidos significados construídos pela turma em formato de vídeo, que seria legendado em Português e interpretado em LIBRAS e que seria apresentado para as demais turmas e divulgado pela escola, mediante autorização de cada um dos pais. A ideia é que existisse a circulação das ideias construídas para além da turma. Nessa etapa de gravação, os alunos poderiam auxiliar a professora para gravar, organizar o espaço, um roteiro, segurar a câmera, etc.

Neste plano de aula ficou evidente a potência das palavras para a Educação de Surdos, principalmente na parte de descobrir seus significados junto com seus familiares, tornando este Estado de Recreio um recrear com palavras em família:

É preciso que o educando vá descobrindo a relação dinâmica, forte, viva, entre palavra e ação, entre palavra-ação-reflexão. Aproveitando-se, então, exemplos concretos da própria experiência dos alunos durante uma manhã de trabalho dentro da escola, no caso de uma escola de crianças, estimulá-los a fazer perguntas em torno da sua própria prática e as respostas, então, envolveriam a ação que provocou a pergunta. Agir, falar, conhecer estariam juntos. (FREIRE, 2014, p. 26)

Este plano de palavras-ações-reflexões, demonstrou de modo decisivo as potências de discussões e diálogos que permearam todo o semestre.

O planejamento seguinte foi voltado para crianças em processo de alfabetização bilíngue. Pensando em trabalhar com elas as vogais A, E, I, O e U, primeiramente, a professora faria uma fala inicial sobre a importância de sabermos o significado do que sentimos como representar ou demonstrar esses sentimentos. Iniciando então a parte

prática da atividade, seria solicitado aos alunos que escrevessem sentimentos (podendo ser bons ou ruins) que a primeira letra fosse uma vogal: Amor; Esperança; Inesquecível; Único. Após esta escrita os estudantes poderiam pegar um objeto que representasse um ou mais destes sentimentos e falar porque tem essa representação em sua vida. E por último, trabalhar os sinais em LIBRAS. Soletrar os sentimentos e os nomes dos objetos na língua de sinais e ensinar quais sinais representam as palavras soletradas.

Este plano de aprendizagem se mostrou muito potente, porém teria mais Estado de Recreio se houvesse mais corpo, no espaço, na brincadeira, no jogo com as palavras e os sentimentos, de modo que o ensino fosse além de uma aula de LIBRAS, mas que jogasse com estes sinais de modo corpóreo e divertido. Hoje, o porcentual de brincar e de simbologia vem sendo ressignificado com tantos brinquedos didáticos:

Os brinquedos e materiais pedagógicos mais significativos são os chamados educativos, materiais gráficos, de comunicação nas salas e os de educação física, para o espaço externo. Brinquedos que estimulam o simbolismo e a socialização, como jogos de faz-de-conta, construção e socialização aparecem com percentuais insignificantes, apontando o pouco valor da representação simbólica e do brincar. (KISHIMOTO, 2001, p. 229).

Frente a esses planejamentos expostos, e na busca por valorizar o brincar e a representação simbólica, discutir o Estado de Recreio potencializa para a Educação uma nova concepção para o tempo do recreio escolar, levando em consideração os jogos e brincadeiras sobre palavras na Educação de Surdos. Este espaço para o estudante surdo é, nada mais, que, um momento potencial para o desenvolvimento de habilidades relacionais e corporais, que contribuem para a formação de sua cultura lúdica e, como consequência, sua formação enquanto sujeitos. E por que não sujeitos crianças daveneiras? “A infância permanece em nós como um princípio de vida profunda, de vida sempre relacionada à possibilidade de recomeçar” (BACHELARD, 1996, p. 119).

Estas descobertas revelam para minha formação como professora na Educação Especial que uma infância colorida salva... uma escola “em Estado de Recreio” transforma e a Educação Especial, que sai do Atendimento Individual Especializado (AEE) e vai para os espaços alçando voos, efetivamente inclui! Uma inclusão que permite o devaneio: “seu devaneio não é simplesmente um devaneio de fuga, é um devaneio de alçar voo” (BACHELARD, 1996, p. 94). De repente em meus devaneios escuto o sinal...

POXA! É MESMO A HORA DE VOLTAR PARA A SALA DE AULA?

No fim da tarde, nossa mãe aparecia nos fundos do quintal:

- Meus filhos, o dia já envelheceu, entrem pra dentro.

(Manoel de Barros, 1996, p. 21).

Anuncio o fim deste paraquedas colorido com o Poema de Mário Quintana, Lili inventa o mundo:

Mentira? A mentira é uma verdade que se esqueceu de acontecer. Mentiras. Lili vive no mundo do faz-de-conta. Faz de conta que isto é um avião. ZZZZUN... depois aterrissou em pique e virou trem. TUC TUC TUC...entrou pelo túnel chispando. Mas debaixo da mesa havia bandidos. Pum! Pum! Pum! O trem descarrilhou. E o mocinho? Meu Deus! Onde é que está o mocinho? No auge da confusão, levaram Lili para a cama, à força. E o trem ficou tristemente derribado no chão, fazendo de conta que era mesmo uma lata de sardinha. (QUINTANA, 2020)

Neste poema, Lili tem 04 anos e transforma uma lata de sardinha em avião e trem. Em seu jogo de imitação, seu corpo todo está envolvido no processo de transformação simbólica da experiência. Eventos fabulosos são evocados, como o trem que entra pelo túnel e o aparecimento de mocinhos e bandidos. Sua imitação acontece como que, por acaso, como uma ação improvisada. Seu pensamento não se organiza com um pré-planejamento de ações, ela não aproxima aqueles eventos apenas pela fala, como relato verbal, mas sua inteligência opera com significados que vão muito além da lógica do sentido estrito, incorporando a intuição e a sensibilidade que operam em um plano sensorio corporal, como em um Estado de Recreio. Quem sabe não consigamos agir como Lili em outros espaços escolares?

A partir dessas questões e da análise das práticas e planejamentos realizados e apresentados na disciplina Ensino de Língua Portuguesa para surdos, pude dialogar entre as três vertentes: Estado de Recreio, Formação de Professores e Educação Especial. Refletindo primeiramente sobre o Recreio: O sinal toca, não é tangível, mas todos anseiam por ele, e quando soa, começa o zumbido, a correria. É como se os estudantes fossem crianças pulando no quintal, onde há a experiência, o jogo, a brincadeira, a atmosfera, as borboletas no estômago acontecem. Não tem que ocorrer somente em vinte minutos, pode existir o recreio na sala de aula.

A partir das discussões realizadas ao longo da investigação, é possível afirmar que uma aula pode estimular o mesmo efeito que o Recreio causa. A Educação não precisa ser séria, sisuda, infantilizada, verticalizada, tradicional. Ela pode ser um Recreio onde ocorre a experiência. O Estado de Recreio pode e deve acontecer também no Professor.

Com as investigações e descobertas, pude refletir sobre meu problema de pesquisa: Como estimular o Estado de Recreio na formação de professores do curso de Educação Especial que irão trabalhar com o corpo surdo? Nós professores, precisaríamos ter a coragem de sair de nossa zona de conforto, criarmos paraquedas coloridos, nos adentrarmos no universo da surdez, dos surdos, de corpo e alma... tirá-los da sala de aula e da cadeira enfileirada... desafiando-os, pegando-os de surpresa, fazê-los criar expectativa com: "O que será que vamos vivenciar no próximo encontro?", tirá-los da rotina, da mesmice, do copiar e colar. Apresentar o brincar, o jogar, estar junto, criar junto, unir-se a eles, colocando a mão na massa, devolvendo e estimulando este corpo brincante em nossas práticas, recreando!

A partir desse recrear, pude resolver meu objetivo geral: compreender o Estado de Recreio, em estratégias brincantes, para a formação de professores que trabalharão com corpos surdos. E meus objetivos específicos, pois, pude discorrer sobre o conceito de Estado de Recreio e a importância em estimulá-lo na escola e identificar a importância das metodologias como estratégias brincantes de ensino e de aprendizagem do Estado de Recreio na Educação Especial e na Educação de Surdos.

No primeiro sinal, procurei convidá-los para o recreio escolar, a partir da apresentação do tema e discussões sobre o estado de recreio. Procurei envolver para nos divertirmos junto, lembrarmos de nossas infâncias ou então, recriá-las e recreá-las na Educação que se faz extremamente necessário para uma escola de Surdos, de modo mais leve e colorida. Uma brincadeira potente para minimizar barreiras e construir pontes arco-íris de aprendizagem.

No segundo sinal, busquei recrear na sala de aula, neste caso, na disciplina de Língua Portuguesa para Surdos, que mesmo em um ensino remoto, me fez entrar em um Estado de Recreio. Repercutiu em minha formação uma curiosidade criança para a descoberta de brincadeiras com palavras, e a cada encontro eu me questionava: qual será a descoberta de hoje? Qual será a brincadeira?

E ao analisar os planos de aula, tentei me colocar no lugar do surdo, entendendo seu contexto, respeitando suas vontades e tentando sim, sair da zona de conforto e

explorar territórios existenciais. Em alguns momentos pude perceber uma tentativa de promover momentos brincantes de aprendizagem, mesmo na seriedade e no ensino tradicional, que em alguns momentos agia de modo automático - havia ali uma sementinha de esperança. Um pequeno guarda-chuva colorido se abrindo a um universo vasto de recreios e desafios para uma nova concepção de Educação de Surdos.

A partir da análise descrita ao longo deste estudo, foi possível constatar a necessidade de uma transformação de paradigmas para se pensar o ambiente escolar. É preciso que este contexto tenha um profundo significado para os estudantes. É preciso descarrilhar este trem chamado Educação.

Eu não queria voltar para a sala... queria seguir brincando!

Os pais levaram Lili para a cama e o jogo cessou, talvez esteja na hora de dormir, talvez esteja na hora de retornarmos para a sala de aula. Parte de mim quer seguir no recreio escolar, e outra insiste em estimular este estado em outros espaços escolares. A partir destes devaneios discutidos ao longo das escritas, me coloco aqui como professora na Educação Especial, em formação, e como criança que já fui e que sou, e que muitas vezes não foi escutada (por isso uma conexão com estudantes surdos) que sonha, que vive em seu mundo, em seu castelo de areia que se torna um muro de concreto, com seus dragões e princesas, e está devaneando, criando, sendo ela mesma e vem o adulto, muitas vezes ouvinte, e derruba esse muro de concreto. Grita com ela, diz que se sujou! Pede que cresça!

Esse devaneio poético, acaba por se tornar um adulto cinza sem cor, que mascara suas potencialidades, vendo-se obrigada a ser “normal” para se adequar ao mundo! E seu devaneio colorido quase arco-íris vai se apagando e se mascarando pelas normativas sociais. Nesta luta social, surge então o Estado de Recreio, abordagem metodológica brincante para convidar a todos:

Vamos brincar também na sala de aula?

O sinal toca, os estudantes retornam à sala de aula. Nos corpos ainda se manifestam os sinais, coração acelerado, suor, risos, histerias, cansaço, vermelhidão, adrenalina, o recreio ainda não terminou...

REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, A. **Formação de professoras: práticas pedagógicas e escola**. São Carlos: EDUFSCAR, 2006.
- ALVES, L. **Brincadeiras e jogos de raízes africana e indígena em Poço Redondo**. 2021. 67f. Monografia - UniAGES – Licenciatura em Educação Física, Paripiranga (SE), 2021.
- ALVES, R. **Por uma educação romântica**. Papyrus Editora, 2002.
- BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BARBOSA, A. M. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. **Estudos avançados**, v. 3, p. 170-182, 1989.
- BARROS, M. **Livro sobre Nada**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- BARROS, M. **Memórias inventadas: as infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Planeta, 2010.
- BARROS, M. **A infância**. São Paulo: Planeta, 2003.
- BENJAMIN, W. (1984). **Reflexões: A criança, o brinquedo, a educação** (M. V. Mazzari, Trad.). São Paulo: Summus. (Original publicado em 1974).
- BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo e o brincar, a educação**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2002.
- BENJAMIN, W. **Obras escolhidas, vol. I**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet, revista por Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- CORTELLA, M. **Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes**. Cortez Editora, 2016.
- DALMASO, A; DE OLIVEIRA, M. O; RIGUE, F. M. O que pode a pergunta-criança na formação de professoras/es? Algumas experimentações teórico-práticas. **Questio-Revista de Estudos em Educação**, v. 23, n. 2, p. 321-339, 2021.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (1997). **Devir intenso, devir animal, devir imperceptível**. Em G. Deleuze & F. Guattari (Orgs.), **Mil platôs** (Vol. 4, pp.11- 113). Rio de Janeiro: Ed. 34 Letras. 1997.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

DIVERTIDA Mente (Original Inside Out). Direção: Pete Docter. Produção: John Lasseter e Andrew Stanton. Califórnia, EUA: Walt Disney Pictures e Pixar Animation Studios, 2015. 1 DVD (95 min.), son., color.

FARIA, E. L. Apesar de você: O brincar no cotidiano da escola. Belo Horizonte: Licere, 2002.

FERNANDEZ, A. A linguagem do aprendiz. Porto Alegre: Artmed, 1991.

FREIRE, J. B; SCAGLIA, A. J. **Educação como prática corporal**. São Paulo: Editora Scipione, 2009.

FREIRE, P. Education for awareness a talk with Paulo Freire. **Obra de Paulo Freire; Série Entrevistas**, 1970.

FREIRE, P. Conscientização. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. Professora sim, tia não. **Cartas a quem ousa ensinar**, v. 10, p. 27, 1997.

FREIRE, P. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 47 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 41 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Editora Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. Editora Paz e Terra, 2015.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

GODOY, L. B; NOGUEIRA, L. F; FABIANI, D. J. F; SCAGLIA, A. J. Reflexões sobre o brincar na sociedade contemporânea. **Lúdicamente**, v. 10, n. 20, p. 45-56, 2022.

KISHIMOTO, T. M. O jogo e a educação infantil. **Pro-posições**, v. 6, n. 2, p. 46-63, 1995.

KISHIMOTO, T. M. Brinquedos e materiais pedagógicos nas escolas infantis. **Educação e Pesquisa**, v. 27, p. 229-245, 2001.

KOHAN, W. O; FERNANDES, Rosana Aparecida. Tempos da infância: entre um poeta, um filósofo, um educador. **Educação e Pesquisa**, v. 46, 2020.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, Campinas, n. 19, p. 20-28, 2002.

LE BRETON, D. Antropologia do corpo e modernidade. Paris: PUF, 2003.

MONTHERO, W. **Em processo**: Imagens e memórias como materiais de criação no contexto do Drama. Urdimento (UDESC), Florianópolis, vol.02, n.17, p. 1-8, setembro 2011.

Morin, E. (2000). Os sete saberes necessários à educação do futuro. 2ª ed., São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2000.

NEUSCHARANK, A; DALMASO, A. C.; DE OLIVEIRA, M. O. Agenciamento cartografia-garimpagem: um modo de produzir pesquisa em educação. **Educação**, v. 42, n. 1, p. 3-11, 2019.

NUNES, L. F. R. Repertório de clown na educação: elementos de uma pedagogia da palhaça na formação de professores. 2016. (191 p.). Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP, 2016.

DE OLIVEIRA, V. M. F. Dispositivo grupal e formação docente. **Educere et Educare**, 2011.

OSTROWER, F. Criatividade; **Processos de criação**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1977.

QUINTANA, M. **Lili inventa o mundo**. Global Editora, 2020.

RICHTER, D. A linguagem cartográfica no ensino de Geografia. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 7, n. 13, p. 277-300, 2017.

SANCHES, M. J. P. **Entre reinos, planetas e canetinhas**: processos de drama com crianças. 2018. Monografia - UFSM – Licenciatura em Teatro, Santa Maria (RS), 2018.

SANT'ANNA, A. R. Ler o mundo. **São Paulo: Global**, 2011.

SILVA, J. **Recreio escolar e seus tempos**: a voz da criança. 2019, 108p. (Programa de Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Grande Dourados, Mato Grosso Sul, 2019.

SKLIAR, C. (Org.) A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Editora Mediação.1998.

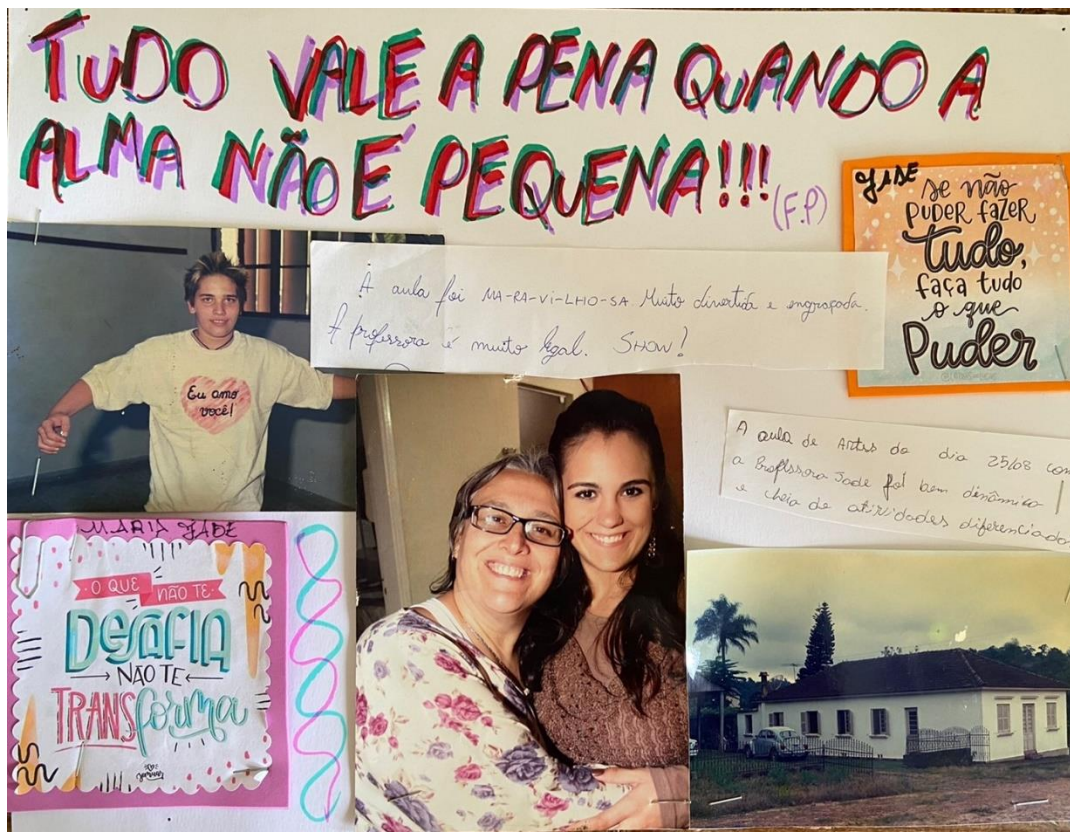
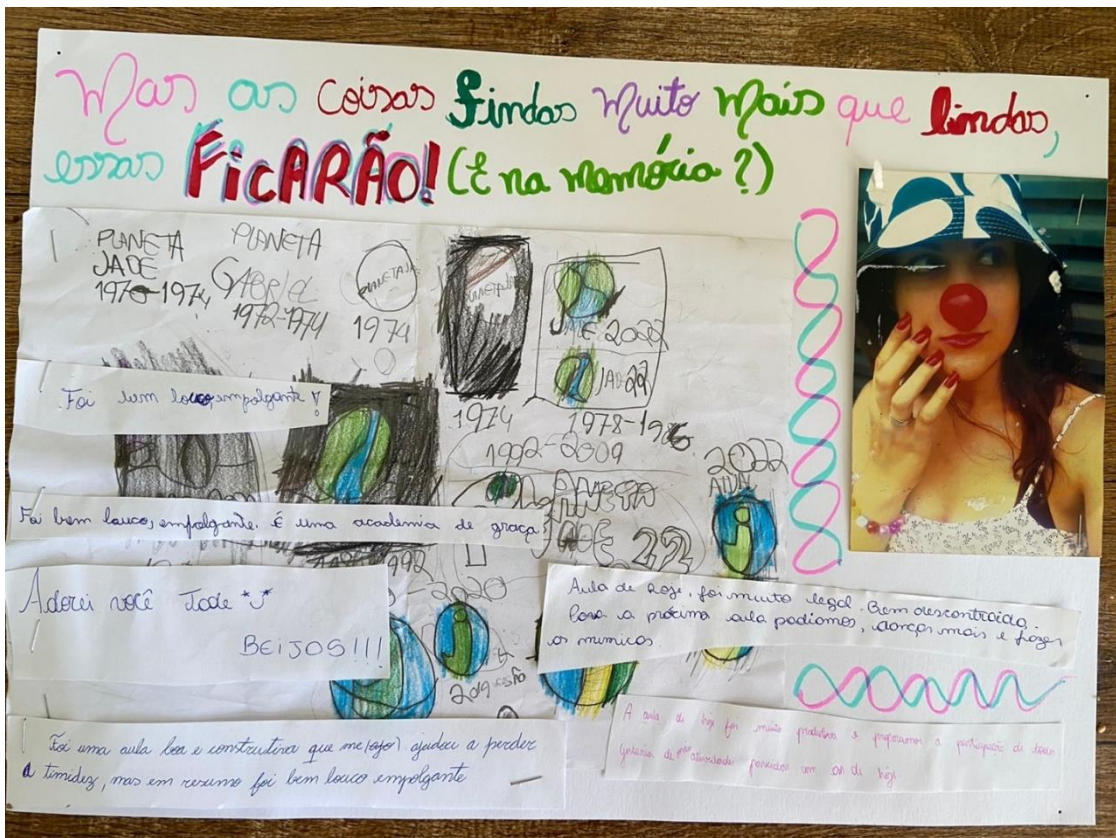
SKLIAR, C. Educar em tempos de aceleração e inovação. **Nômad**, n. 49, p. 13-25, 2018.

SOUZA, K. R. R. As crianças e o recreio. Investigando as relações de pares nos primeiros anos do Ensino Fundamental. 261f. Tese (Doutorado em Sociologia)– UFRJ. Rio de Janeiro, 2014.

RYNGAERT, J. **Jogar, representar**. Paraná: Editora Cosac Naify, 2009.

Anexo

Aqui trago os cartazes com os quais apresentei o trabalho.



QUE É O ESTADO DE RECREIO PARA VOCÊS?









Uma última interação conosco. Não deixe que um momento de recreio fique em lembranças. Não seja BIA DAS CRIANÇAS!!!





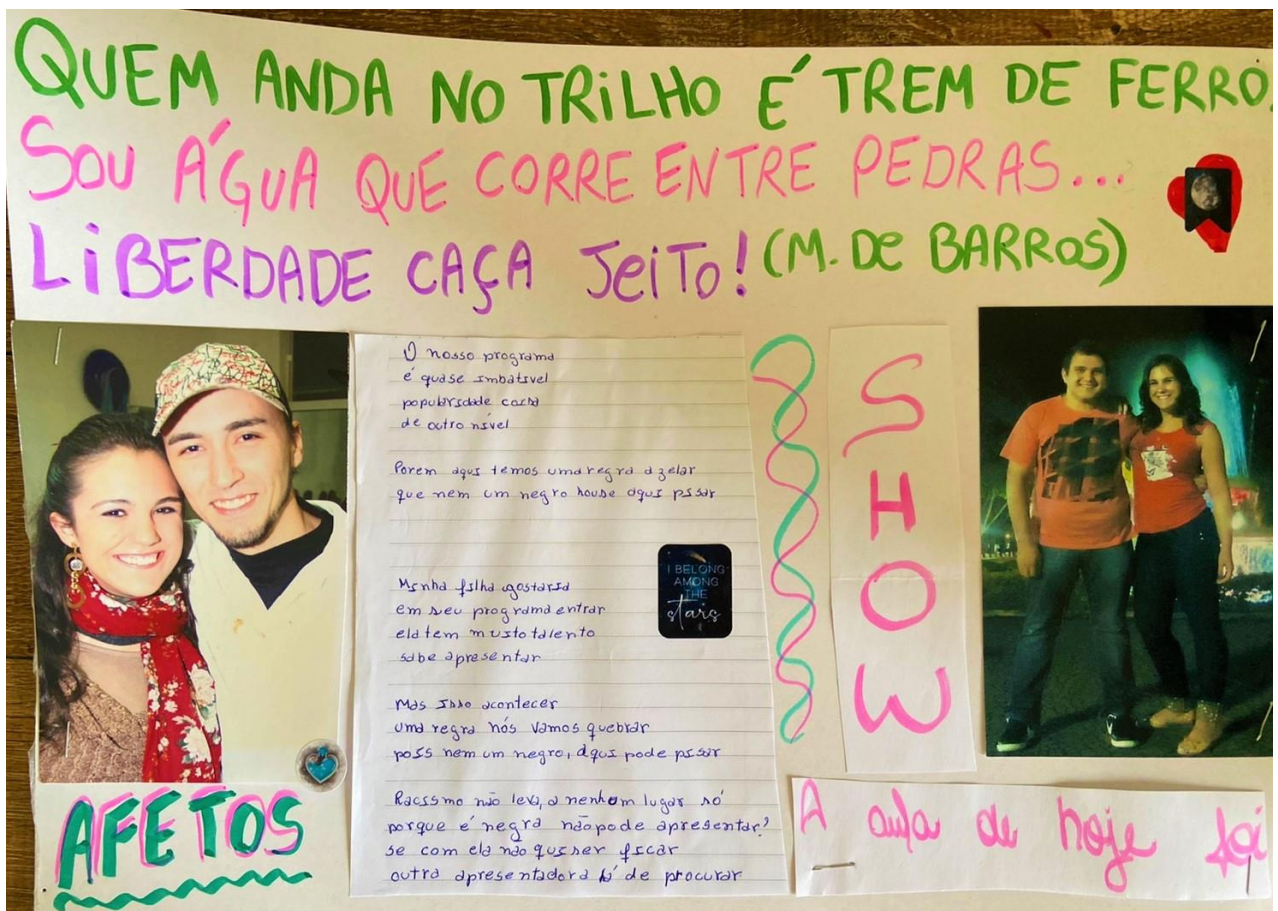

NÃO NOS AFASTAMOS MUITO! VAMOS DE MÃOS DADAS...! C.A.

SEJAM BEM-VINDOS

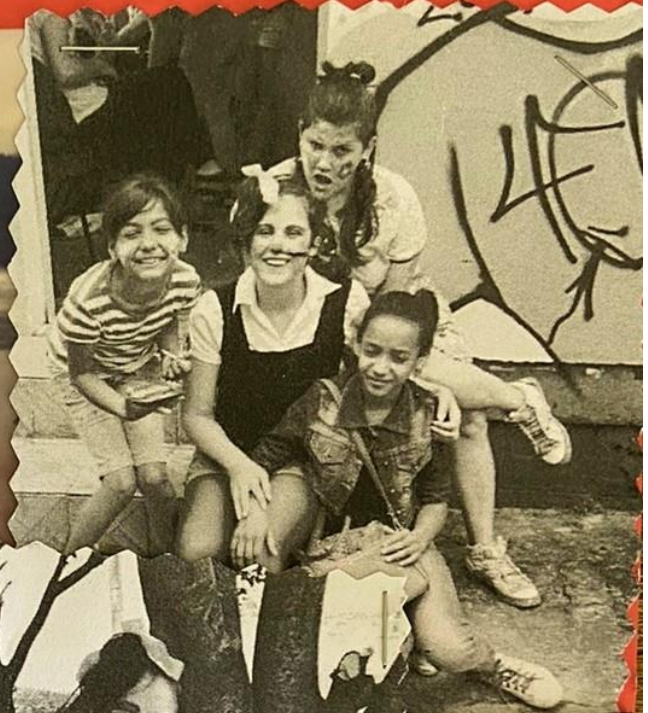
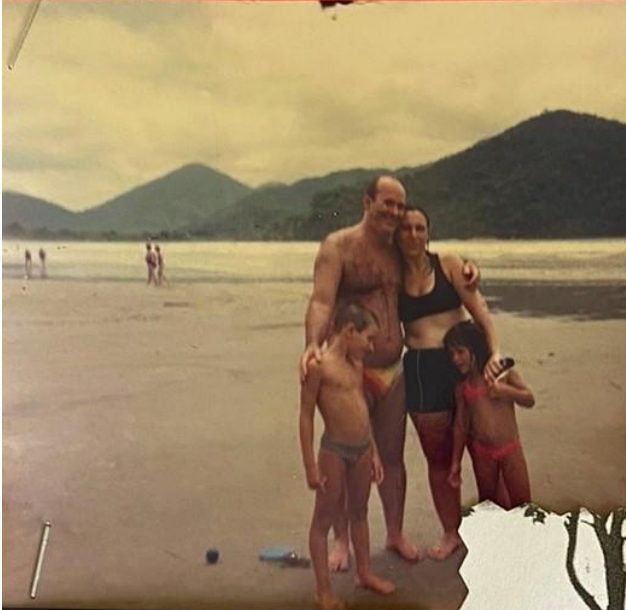




Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim... (KRENAK, 2019, p. 13).

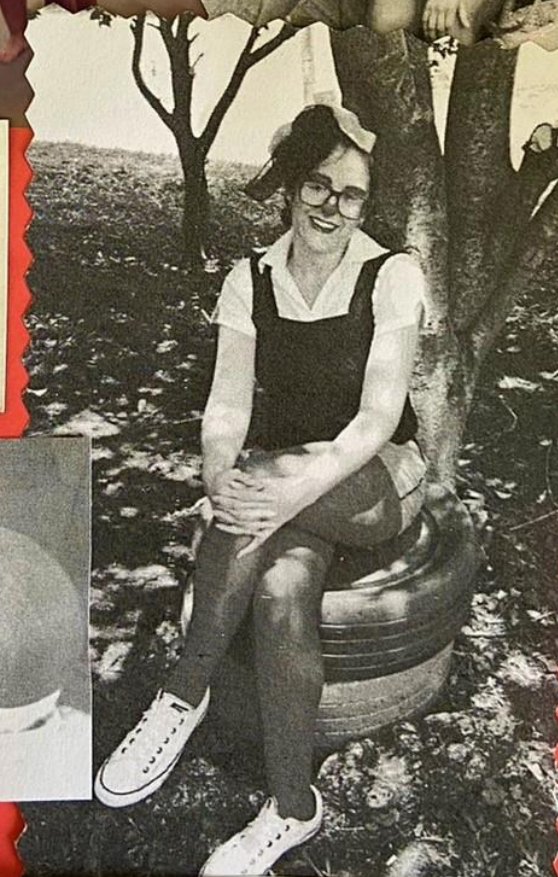
MARIA JADE



O QUE TE EMOCIONA?



GENTILEZA
+ GERA 2
GENTILEZA



No decorrer da minha lembrança, está acompanhando meu jovem?

Eu já viajei o Brasil inteiro, mas se eu te contasse, duraria um ano só de conversa! (Vovô)



Imagem 06- O Baile

Autoria: Fátima Fruet



Imagem 07- As prendas

Autoria: Fátima Fruet

Imagem 08- O Baile



Imagem 09- Os Gaúchos



Talvez o
que a gente
Tenha
que fazer
é descobrir
UM
PARAQUEDAS
PARAQUEDAS
COLORIDOS ...
DIVERSOS ...
PRAZEROSOS!

Chega
DE
EDUCAÇÃO
CINZA!!!

QUERO
UMA
EDUCAÇÃO
ARCO-ÍRIS...

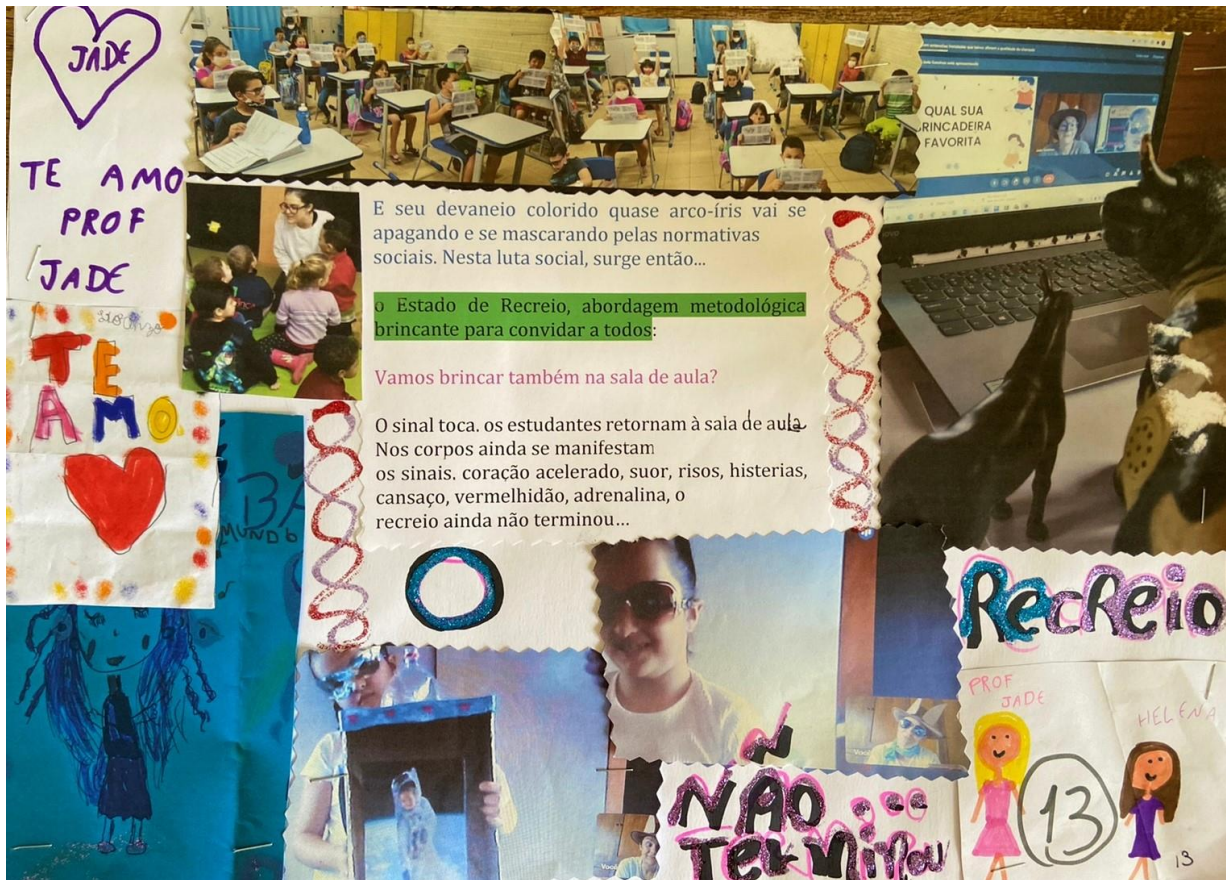
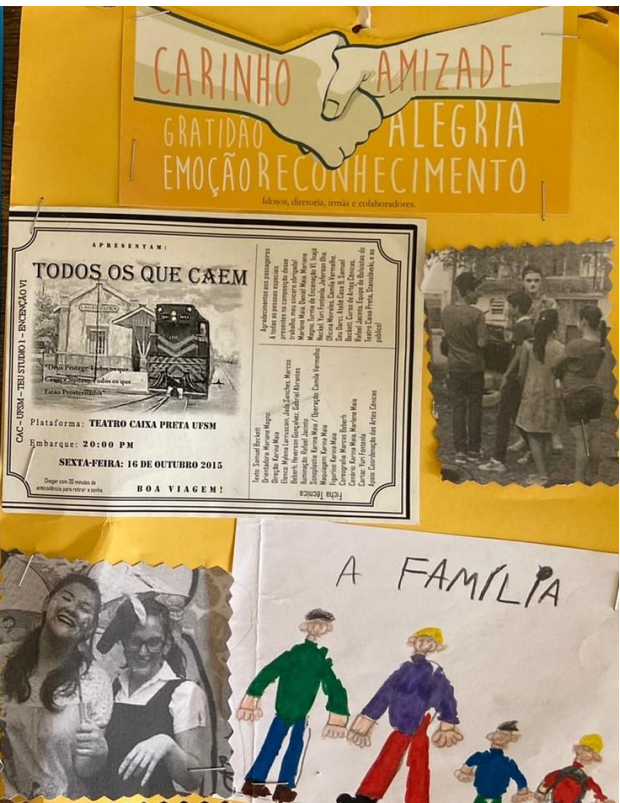
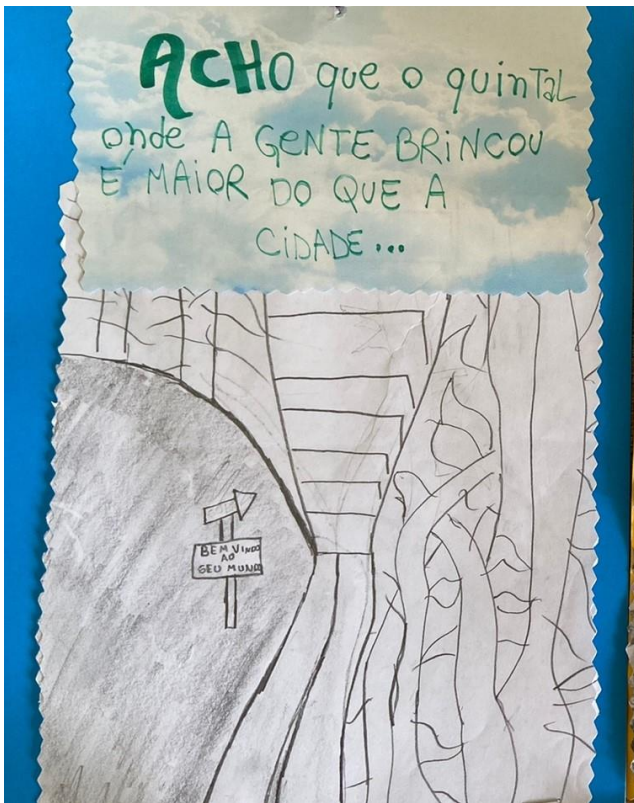
é
Vocês?

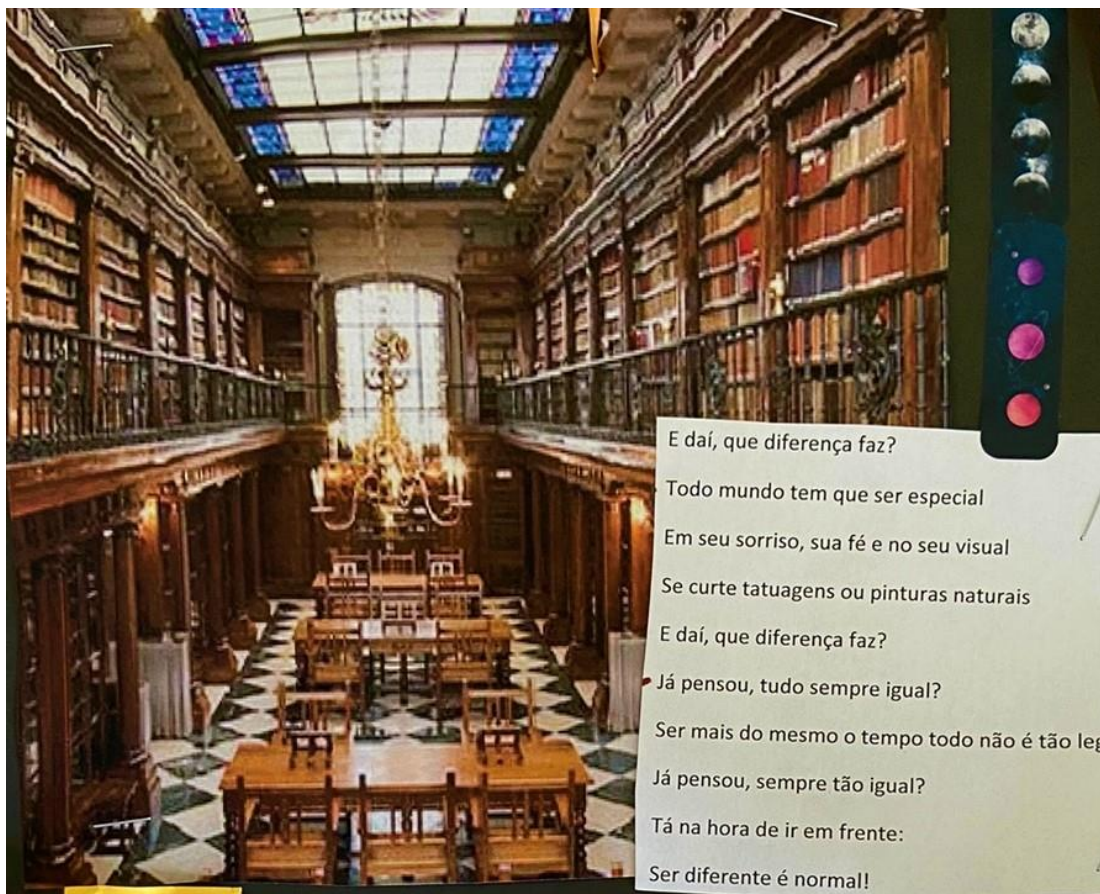
LEMBRANÇAS

#setembrosurdo



Esse processo além de me emocionar, me fez crescer como artista/pedagoga, me desafiando a cada encontro, e me colocando sempre disponível ao jogo junto aos vovôs! Que muitas vezes se entregavam a brincadeira como crianças, uma ingenuidade, uma humildade e como chamamos no teatro, uma bela e admirável "Generosidade".





E daí, que diferença faz?

Todo mundo tem que ser especial

Em seu sorriso, sua fé e no seu visual

Se curte tatuagens ou pinturas naturais

E daí, que diferença faz?

Já pensou, tudo sempre igual?

Ser mais do mesmo o tempo todo não é tão leg

Já pensou, sempre tão igual?

Tá na hora de ir em frente:

Ser diferente é normal!

- Maria! Chegou a hora do dia que eu mais amo!!!

- Qual João???

- Como você não sabe, Maria? É a hora do

RECREIO!

- OBA!!!

VAMOS BRINCAR DE QUÊ???

- DO QUE A GENTE QUISE

!!! (ESCOLHAS)



RESPEITO!!!

SER DIFERENTE

É NORMAL!

Ser diferente é normal

Todo mundo tem seu jeito singular

De crescer, aparecer e se manifestar

Sobre a aula de hoje foi maravilhosa
fizemos varias coisas legais e diferentes, não
gostava de sentar antes perto das pessoas, isso
foi muito bom 😊

Espero que todas as aulas sejam assim legais
espero que a gente faça piadas engraçadas e românticas



POSSIBILIDADES

SINGULARIDADE

Todo mundo tem seu jeito singular

De ser feliz de, de viver e de enxergar.

Se os olhos são maiores ou são orientais

E daí? Que diferença faz?

Todo mundo tem que ser especial

Em oportunidades, em direitos, coisa e tal

Seja branco, preto, verde, azul ou lilás

E daí? Que diferença faz?

Já pensou, tudo sempre igual?

Ser mais do mesmo o tempo todo não é tão legal

Já pensou, sempre tão igual?

Tá na hora de ir em frente

Ser diferente é normal

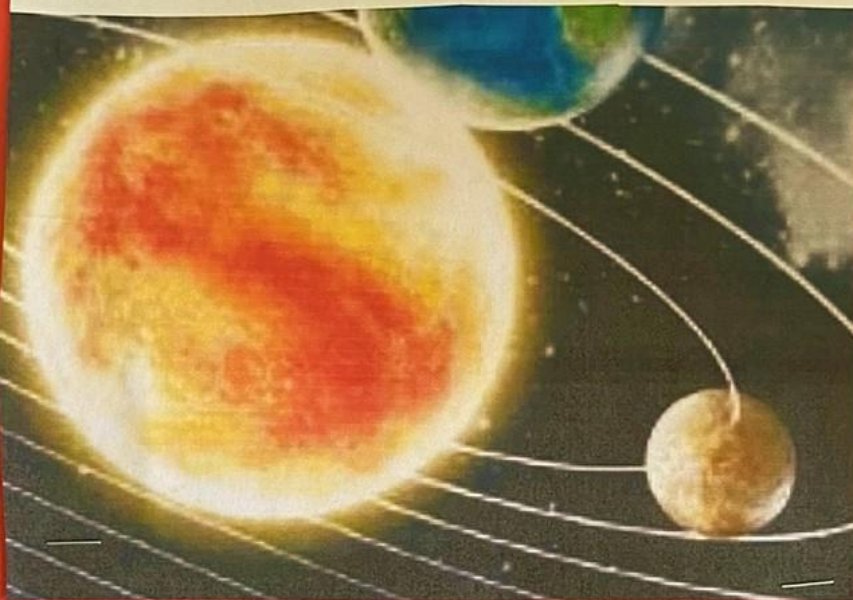


DIVERSÃO!

A aula foi boa, todos participaram, foi diferente, a professora é engraçada.

Não gosto de conter mas com todos juntos nem reparei que estava contendo.

Sugiro atividades diferentes como a do futebol.

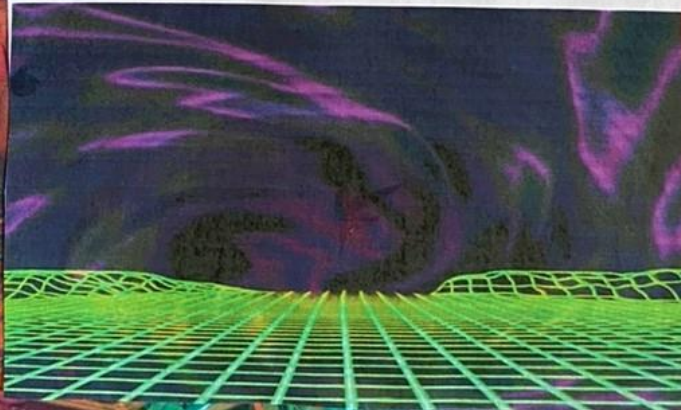


CÚMPLICIDADE!

CRIATIVIDADE

Relatório da Aula:

Em geral, eu não gosto muito da disciplina Artes, porém a parte de teatro eu sempre gostei, mesmo tendo apenas um ano. A aula foi divertida, os jogos foram legais e a parte do "relaxamento", eu me imaginei num lugar vazio, foi bem diferente, depois dele eu realmente me senti relaxado, abaixo uma imagem um pouco parecida de onde eu estava:



PARCERIA!

A sala foi ótima, a professora fez uma integração entre a turma. Foi bastante produtiva, gostei do modo de como foi conduzida a aula de hoje.

UNIÃO!

Para próxima aula
- gostaria de perceber a integração da turma como percebido hoje pois a turma não possui este comportamento em outras aulas.

SONHOS...

VEVO
da
Música

Seve
dnd
Net
Dse

MUSICA

Sabes
no te
puedo
Olvidar

* mais aulas assim
ta ótimo.

O RECREIO



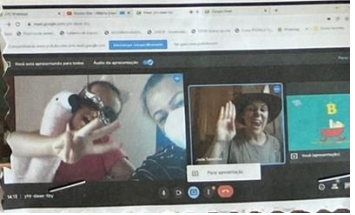
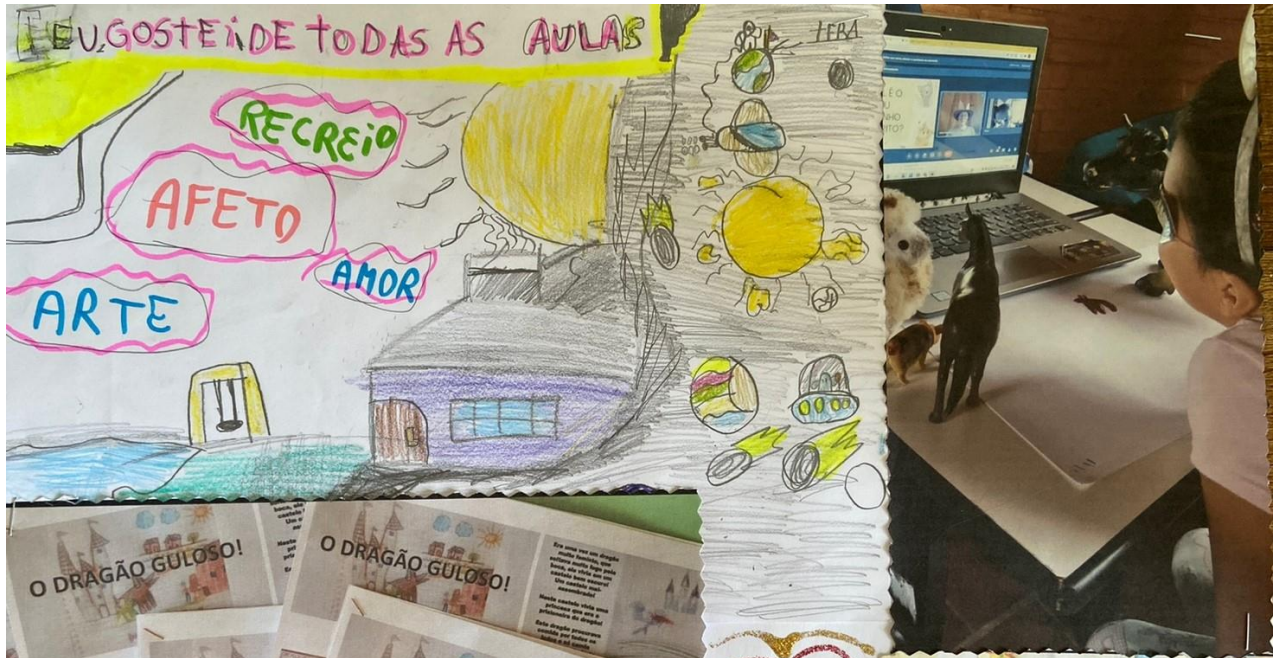
te amo
prof

te amo
prof
fede!

NÃO ACABOU...




LIVRO DAS
HISTÓRIAS
DA AULA DE
ARTES
PARA PINTAR



ÚLTIMO SINAL???

POXA!
É MESMO A HORA DE VOLTAR PARA A SALA DE AULA?

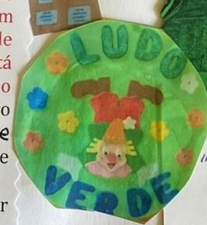
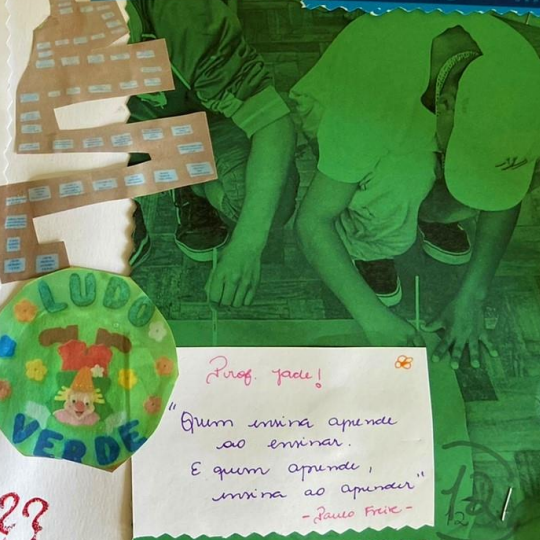
No fim da tarde, nossa mãe aparecia nos fundos do quintal:
- Meus filhos, o dia já envelheceu, entrem pra dentro.
(Manoel de Barros, 1996, p. 21).

Eu não queria voltar para a sala... queria seguir brincando!

A partir destes devaneios discutidos ao longo das escritas, me coloco aqui como professora na Educação Especial, em formação, e como criança que já fui e que sou, e que muitas vezes não foi escutada (por isso uma conexão com estudantes surdos) que sonha, que vive em seu mundo, em seu castelo de areia que se torna um muro de concreto, com seus dragões e princesas, e está devaneando, criando, sendo ela mesma e vem o adulto, muitas vezes ouvinte, e derruba esse muro de concreto. Grita com ela, diz que se sujou! Pede que cresça! Esse devaneio poético, acaba por se tornar um adulto cinza sem cor, que mascara suas potencialidades, vendo-se obrigada a ser "normal" para se adequar ao mundo!



?? E SEU DEVANEIO???



Prof. Jade!
"Quem ensina aprende ao ensinar.
E quem aprende, ensina ao aprender."
- Paulo Freire -



DEVANEIO...

É preciso descarrilhar este trem chamado Educação! (SANCHES, 2022, p. 37).

"A infância permanece em nós como um princípio de vida profunda, de vida sempre relacionada à possibilidade de recomeçar" (BACHELARD, 1996, p. 119).
Estas descobertas revelam para minha formação como professora na Educação Especial que uma infância colorida salva... uma escola "em Estado de Recreio" transforma e a Educação Especial, que sai do Atendimento Individual Especializado (AEE) e vai para os espaços alçando voos, efetivamente inclui!
Uma inclusão que permite o devaneio: "seu devaneio não é simplesmente um devaneio de fuga, é um devaneio de alçar voo" (BACHELARD, 1996, p. 94).
De repente em meus devaneios escuto o sinal...



F
E
S
T
A
D
O

Um pátio, uma quadra, bancos por todos os lados, dia ensolarado, céu azul sem nuvens, crianças olhando para o relógio, corpos tensos, adrenalizados, cansados, entediados...

o recreio espera para começar!



E... ESPERA UM POUCO AÍ....

O QUE SERIA ESTE ESTADO DE RECREIO????

- ESTADO CORPORAL DOS ESTUDANTES AO JOGAR;
 - ESTADO CRIANÇA;
 - ESTADO DE JOGO;
 - ESTADO DE ALERTA;
- ESTADO QUE INDICA SE GOSTA OU NÃO DA PROPOSTA.

DE



O



R
E
C
R
E
I
O

OBJETIVOS



Objetivo geral: Compreender o Estado de Recreio, em estratégias brincantes, para a formação de professores que trabalharão com corpos surdos.

Objetivos específicos:

- Discorrer sobre o conceito de Estado de Recreio e a importância em estimulá-lo na escola;
- Identificar a importância das metodologias como estratégias brincantes de ensino e de aprendizagem do Estado de Recreio na Educação Especial e na Educação de Surdos.



AGORA EU CONVIDO

Voltemos ao tesouro de nossa infância.
Dialogar sobre este espaço que foi recusado por nós quando crescemos.
Qual foi a última vez que pisamos descalços na grama,
que observamos insetos, que nos deixamos tocar pela vida como ela se mostra?
Qual foi a última risada inteira e autêntica que demos?

Qual foi a última vez que brincamos e nos divertimos sem notar a passagem do tempo?

Se eu quero que o estudante seja livre, aprenda,

crie suas próprias narrativas e ao mesmo tempo preste atenção na aula de corpo e alma,

esse momento precisa ser a alma, leve, interessante, criativa, diferente, fora da caixa, da zona de conforto, das classes verticais.

Criemos

um mapa para um caminho cheio de descobertas e aventuras até a chegada deste tesouro de nossa infância

que será nosso projeto de criação, um caminho de autoconhecimento e descoberta das possibilidades criadoras.

INFÂNCIA

Um retorno de outrora e o redescobrimiento de agora. A infância em nós! Bachelard (1988, p. 125): "Em nós, ainda em nós, sempre em nós, a infância é um estado de alma". Alma de infância? Crianças no recreio! Recreio em nós, professores. Professores e crianças em Estado de Recreio!

(PÁGINA 19)

EU NUNCA VOU TE ESQUECER



QUANDO EU ERA CRIANÇA... ERA ??? AINDA SOU !!!

Quando eu era criança, tudo tinha alma, o mundo era cheio de vozes, conversava com pedras, plantas, bichos, brinquedos e com seres imaginários. Fazia comparações, metáforas, construía imagens.

As perguntas sobre o mundo (onde vai a luz quando fica escuro?), para mim nada era óbvio, tudo me inquietava, então enchia os adultos de questionamentos.

Fazia novamente e fazia de conta, como ficava feliz com os recomeços! Montava minha torre de bloquinhos coloridos, derrubava, desmanchava e recomeçava. Pedia para minha mãe repetir as narrações. E ao reiniciar as brincadeiras, ganhava confiança no mundo. Nesse momento, a vida não era aleatória, ou acabaria de repente, o viver tinha travessias.

(PÁGINA 17)

Prof Jade ♥ E VOCÊ AINDA É ???

BRINCAR É UM ATO DE CORAGEM!

Professora em formação: com quem estou aprendendo? Como estou me formando? Minha prática é acessível? Estou propiciando momentos de questionamentos? O que eu ensino faz sentido para os estudantes? Trazer o Estado de Recreio para as escolas e em diversos espaços, experimentemos, descubramos nossas potencialidades, nos redescubramos e nos reinventemos!

(Página 14)

Eu, como professora-artista, foco aqui o surdo, respeito seu tempo, gostaria de oferecer a liberdade para a criação, não como um modo de passar tempo, mas, a sua invenção. Os estudantes passam a maior parte do tempo nas escolas, ao invés de ser um ambiente maçante, por que não nos afastarmos e ofertarmos momentos brincantes com ousadia?

(PÁGINA 16)

AMO PROF JADE

TEATRO

obrigado

obrigado PORTU, VOCÊ ME FEZ FELIZ. →

... É HORA DO RECREIO!



...Agora pergunto: estão preparados para ir ao pátio?

Toca então o sinal, as classes são quase arremessadas, folhas voam pelo ar, a balbúrdia está lançada...

É a hora do recreio...



TJ ADORAMOS PROFE/JADE

1º SINAL!

1 PRIMEIRO SINAL: É HORA DO RECREIO!

No primeiro sinal, procurei convidá-los para o recreio escolar, a partir da apresentação do tema e discussões sobre o estado de recreio. Procurei envolver para nos divertirmos junto, relembrarmos de nossas infâncias ou então, recriá-las e recreá-las na Educação que se faz extremamente necessário para uma escola de Surdos, de modo mais leve e colorida.

Uma brincadeira potente para minimizar barreiras e construir pontes arco-iris de aprendizagem.

Por que tanto tempo para estudar e tão pouco para brincar?

"Para não correr riscos, a escola prefere abrir mão da riqueza pedagógica do jogo (FREIRE; SCAGLIA, (2009), p. 167).

CRIATIVIDADE:

Outro estímulo que surge a partir do Estado de Recreio (SANCHES, 2018), (frisando aqui novamente o termo jogo), é a criatividade: ninguém cria se não for livre para fazê-lo.

hahaha!



SAUDADE

TE AMO MUITO



METODOLOGIA... TEORIA

METODOLOGIA:

RELATO DE EXPERIÊNCIA E OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE:

A partir de teorias, vivências e práticas, em observações de estratégias de ensino desenvolvidas na disciplina do curso de Educação Especial, nomeada:

Ensino de Língua Portuguesa para Surdos

NOS PLANEJAMENTOS EXPOSTOS HOUVE ESTADO DE RECREIO?

Referencial Teórico

Silva (2019), Larrosa (2002), Edgar Morin (2002):

ESTADO DE RECREIO E DESVERTICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO

Deleuze (1997), Freire (1996):

ESTRATÉGIAS BRINCANTES PARA PROFESSORES



NOS AFETAR...

Quando o sinal do recreio toca, ele não é palpável, mas, é ansiado por todos, e quando soa, a balbúrdia está lançada, a correria começa, o arrastar das classes, a algazarra se lança para o pátio onde a experiência acontece, o jogo, a brincadeira, o estado de ânimo, o frio na barriga, não precisaria acontecer somente neste intervalo de vinte minutos, poderia acontecer também dentro da sala de aula, e por que não?

Como se daria este Estado de Recreio em sala de aula? Como o professor poderia afetar seus estudantes e se deixar afetar para que houvesse o recreio existencial em sala de aula?

A Educação precisa ser séria? Sisuda? Infantilizada? Verticalizada? Tradicional? Ou ela pode simplesmente ser um Recreio, onde ocorre a experiência?

O Estado de Recreio pode acontecer também no Professor? Afinal, para criar afetos precisamos também nos permitir, **nos afetar...**

BRINCAR

FORMAÇÃO DE ...

Professores

PROBLEMA DE PESQUISA:

Como estimular o Estado de Recreio na formação de professores do curso de Educação Especial que irão trabalhar com o corpo surdo?